

SEG12 - Atividades - Semana 1

Francisco Marcelo, Marcelo Karam e Felipe Scarel

06-08-2018

Introdução ao sistema operacional Linux

1) Identificando bits de permissão

1. Verifique as permissões do diretório `/tmp`. O que você percebe de diferente em relação às permissões de *outros*?

```
$ ls -lha / | grep 'tmp$'
drwxrwxrwt 7 root root 4,0K Ago 7 01:01 tmp
```

O sticky bit está definido: `t`.

2. Considerando que há permissão de escrita no diretório para todos, o que o impediria de remover um arquivo de outra pessoa?

```
$ rm -f /tmp/file_root
rm: não foi possível remover "/tmp/file_root": Operação não permitida
```

Com o sticky bit definido somente o dono de um arquivo pode removê-lo.

2) Identificando e entendendo *hard links*

O número de *links* (*link counter*) que apontam para um arquivo é mantido em seu *inode*. Esse contador é utilizado pelo sistema para controlar a liberação dos blocos do disco alocados ao arquivo quando o contador atingir o valor zero, ou seja, quando nenhum outro arquivo estiver apontando para o *inode*.

1. Qual o número de *links* do seu diretório *home*?

```
$ ls -lha /home/ | egrep 'aluno$'
drwxr-xr-x 2 aluno aluno 4,0K Ago 7 01:45 aluno
```

Como visto acima, 2. Esse número não é fixo, mas depende do conteúdo do diretório. Um diretório recém criado, que não tenha nenhum conteúdo possui dois *links* (um referente ao próprio diretório e outro referente à entrada especial `."`).

2. Crie o arquivo `arqses1ex3` no seu diretório *home*. Utilize o comando `touch`.

```
$ touch ~/arqses1ex3
$ ls /home/aluno
arqses1ex3
```

3. Verifique o número de *links* do arquivo `arqses1ex3` e anote o resultado. Você pode utilizar o

redirecionamento de saída para registrar esse resultado no próprio arquivo criado. Essa informação será necessária para uma atividade posterior.

```
$ mytemp=$(mktemp) && ls -lha ~/arqses1ex3 | tee nlinks && awk '{print $2}' nlinks  
> $mytemp && mv $mytemp nlinks  
-rw-r--r-- 1 aluno aluno 0 Ago 7 01:52 /home/aluno/arqses1ex3  
$ cat nlinks  
1
```

O arquivo **arqses1ex3** possui apenas um link.

4. Verifique se mudou o número de *links* do seu diretório *home*.

```
$ ls -lha /home/ | egrep 'aluno$'  
drwxr-xr-x 2 aluno aluno 4,0K Ago 7 02:05 aluno
```

O número de *links* continuou o mesmo.

5. Crie um diretório com o nome de **dirs1ex3**, também no seu diretório *home*.

```
$ mkdir /home/aluno/dirs1ex3  
$ ls ~  
arqses1ex3 dirs1ex3 nlinks
```

6. Mais uma vez, verifique o número de *links* do seu diretório *home*. Ele mudou? Você saberia dizer por quê?

```
$ ls -lha /home/ | egrep 'aluno$'  
drwxr-xr-x 3 aluno aluno 4,0K Ago 7 02:11 aluno
```

O número de *links* aumentou em uma unidade, por conta de entrada especial `..` presente no diretório `/home/aluno/dirs1ex3`, que aponta para o diretório `/home/aluno`.

7. Qual o número de links do diretório **dirs1ex3**?

```
$ ls -lha ~ | egrep 'dirs1ex3$'  
drwxr-xr-x 2 aluno aluno 4,0K Ago 7 02:11 dirs1ex3
```

Como visto acima, **2**.

8. Verifique qual opção deve ser passada ao comando `ls` para que ele liste as informações do diretório **dirs1ex3** e não o seu conteúdo.

```
$ ls -dl ~/dirses1ex3/
drwxr-xr-x 2 aluno aluno 4096 Ago  7 02:11 /home/aluno/dirses1ex3/
```

Devem ser passadas as opções **-d** e **-l**.

9. Você saberia explicar por que o número de *links* do diretório **dirses1ex3** é maior que um?

Os dois *links* são relativos ao próprio diretório. Um aponta o caminho direto **/home/aluno** → **/home/aluno/dirses1ex3** e o outro corresponde à entrada especial **"."**, presente no próprio diretório **/home/aluno/dirses1ex3**.

3) Conhecendo diferenças entre *hard link* e *symbolic link*

Foi explicada a importância dos *links* criados com o comando **ln**. Para criar um *symbolic link*, a opção **-s** deve ser informada na linha de comando. Consulte as páginas do manual para conhecer outras opções.

1. No seu diretório de trabalho, crie um *hard link* para o arquivo **arqses1ex3**. O nome do arquivo criado deverá ser **hosts.hard**.

```
$ ln /home/aluno/arqses1ex3 /home/aluno/hosts.hard
$ ls ~
arqses1ex3  dirses1ex3  hosts.hard  nlinks
```

2. Verifique agora o número de links do arquivo **arqses1ex3** e compare com aquele obtido na atividade 2. Explique a diferença.

```
$ ls -lha /home/aluno/arqses1ex3 | awk '{print $2}'
2
$ cat nlinks
1
```

O número de *links* foi aumentado de 1 para 2 devido à criação do *link* **hosts.hard**.

3. Crie um *symbolic link* para o arquivo **arqses1ex3**, que deverá se chamar **hosts.symbolic**.

```
$ ln -s /home/aluno/arqses1ex3 /home/aluno/hosts.symbolic
$ ls
arqses1ex3  dirses1ex3  hosts.hard  hosts.symbolic  nlinks
```

4. O número de *links* do arquivo **arqses1ex3** aumentou?

```
$ ls -lha /home/aluno/arqses1ex3
-rw-r--r-- 2 aluno aluno 0 Ago  7 01:52 /home/aluno/arqses1ex3
```

Não, não aumentou.

5. Caso não tenha aumentado, por que isso aconteceu, considerando que foi criado um *link* para ele?

Porque o *symbolic link* aponta para outro *inode*.

6. Qual o tamanho do arquivo *hosts.symbolic*?

```
$ du -sb ~/hosts.symbolic
22      /home/aluno/hosts.symbolic
```

Como mostrado acima, 22 bytes.

7. Você percebe alguma correlação entre o tamanho e o arquivo para o qual ele aponta?

```
$ ls -d /home/aluno/arqses1ex3 | tr -d '\n' | wc -c
22
```

Esse tamanho representa o número de caracteres presentes no *path* completo do arquivo original linkado, sendo cada caractere representado por 1 byte.

4) Trabalhando com *hard link* e *symbolic link*

1. Se o arquivo original **arqses1ex3** fosse removido, o que aconteceria se tentássemos acessá-lo pelo *hard link*? E pelo *symbolic link*?

Pelo *hard link* conseguiríamos acessar o conteúdo do arquivo normalmente. Já pelo *symbolic link* não conseguiríamos acessar o conteúdo do arquivo, uma vez que o mesmo é somente uma referência para o arquivo original.

2. Depois de responder a essas questões, remova o arquivo criado (**arqses1ex3**) e verifique se as suas respostas estão corretas.

```
$ rm arqses1ex3

$ ls -l hosts.hard
-rw-r--r-- 1 aluno aluno 0 Ago  7 01:52 hosts.hard
$ ls -l hosts.symbolic
lrwxrwxrwx 1 aluno aluno 22 Ago  7 02:38 hosts.symbolic -> /home/aluno/arqses1ex3

$ cat hosts.hard
$ cat hosts.symbolic
cat: hosts.symbolic: Arquivo ou diretório não encontrado
```

As respostas acima estão corretas.

5) Conhecendo algumas limitações do *hard link*

1. Crie um arquivo chamado **arqses1ex6**. Em seguida, crie um *hard link* para esse arquivo com o nome **link-arqses1ex6** no diretório **/tmp**. O que aconteceu? Por quê? Como resolver esse problema?



Para que esta atividade tenha efeito, o diretório **/tmp** deverá ter sido criado numa partição diferente da partição onde se encontra o *home* do usuário. Caso essa situação não ocorra, verifique se existe o diretório **/var/tmp** e veja se ele está em outra partição. Se for o caso, use este último para fazer o exercício.

```
$ touch ~/arqses1ex6
$ ln ~/arqses1ex6 /tmp/link-arqses1ex6
ln: failed to create hard link "/tmp/link-arqses1ex6" => "/home/aluno/arqses1ex6":
Link entre dispositivos inválido

$ df -h | sed -n '1!p' | egrep -v '^tmpfs|^udev ' | awk '{printf "%s\t mounted on:
%s\n", $6, $1}'
/          mounted on: /dev/sda1
/tmp       mounted on: /dev/sda6
```

Não foi possível criar o *hard link*, porque o diretório **/tmp** está em outra partição.

6) Criando *links* para diretórios

Crie, no seu diretório *home*, um *link* simbólico para o diretório **/usr/bin** com o nome de **link-bin**. Com o *link* criado, execute o seguinte:

1. Mude para o diretório **link-bin**.

```
$ ln -s /usr/bin /home/aluno/link-bin ; cd link-bin
$ pwd
/home/aluno/link-bin
```

2. Agora, vá para o diretório pai (utilize a notação ".."). Você saberia explicar por que se encontra no seu diretório *home* e não no diretório */usr*?

```
$ cd ..
$ pwd
/home/aluno
```

Porque o *link* simbólico é apenas uma referência para o diretório.

7) Alterando permissões de arquivos e diretórios

O comando **chmod** é utilizado para modificar as permissões de um arquivo. Utilizando a notação octal, execute a seguinte sequência:

1. Modifique a permissão do seu diretório *home* de modo a retirar a permissão de escrita do seu dono.

```
$ chmod 555 /home/aluno
$ ls -ld /home/aluno
dr-xr-xr-x 3 aluno aluno 4096 Ago  7 03:38 /home/aluno
```

2. Verifique as permissões associadas ao arquivo **arqses1ex6**. Você tem permissão para escrever nesse arquivo? O grupo tem?

```
$ ls -lha ~/arqses1ex6
-rw-r--r-- 1 aluno aluno 0 Ago  7 02:55 /home/aluno/arqses1ex6
```

Somente o dono do arquivo tem permissão para escrever no mesmo.

3. Tente remover o arquivo **arqses1ex6**. Você conseguiu? Em caso negativo, você sabe explicar o motivo?

```
$ rm ~/arqses1ex6
rm: não foi possível remover "/home/aluno/arqses1ex6": Permissão negada
```

Não, porque o diretório **/home/aluno** está sem permissão de escrita para o dono.

4. Modifique as permissões do arquivo **arqses1ex6** de forma a retirar a permissão de escrita para o dono e colocá-la para o grupo.

```
$ chmod 464 ~/arqses1ex6
$ ls -ld ~/arqses1ex6
-r--rw-r-- 1 aluno aluno 0 Ago 7 02:55 /home/aluno/arqses1ex6
```

5. Com o uso de redirecionamento, tente copiar o conteúdo do seu diretório *home* para dentro do arquivo *arqses1ex6*.

```
$ ls -lha /home/aluno > /home/aluno/arqses1ex6
-bash: /home/aluno/arqses1ex6: Permissão negada
```

Apresentou erro de permissão de gravação no diretório por parte do dono.

6. Torne a colocar a permissão para escrita no seu diretório *home* para o dono.

```
$ chmod 755 /home/aluno
$ ls -ld ~
drwxr-xr-x 3 aluno aluno 4096 Ago 7 03:38 /home/aluno
```

8) Atribuindo as permissões padrão

1. Crie arquivos (*arq1ses1ex9*, *arq2ses1ex9*, etc.) e diretórios (*dir1ses1ex9*, *dir2ses1ex9*, etc.) em seu diretório *home*, após definir cada uma das seguintes *umasks*: *000*; *002*; *003*; *023*; *222*; *022*. Em seguida, observe as permissões que foram associadas a cada um dos arquivos e diretórios.

```
$ umask 000 ; touch arq1ses1ex9 ; mkdir dir1ses1ex9
$ umask 002 ; touch arq2ses1ex9 ; mkdir dir2ses1ex9
$ umask 003 ; touch arq3ses1ex9 ; mkdir dir3ses1ex9
$ umask 023 ; touch arq4ses1ex9 ; mkdir dir4ses1ex9
$ umask 222 ; touch arq5ses1ex9 ; mkdir dir5ses1ex9
$ umask 022 ; touch arq6ses1ex9 ; mkdir dir6ses1ex9

$ ls -lha /home/aluno | egrep 'arq[1-6]ses1ex9|dir[1-6]ses1ex9'
-rw-rw-rw- 1 aluno aluno 0 Ago 7 03:50 arq1ses1ex9
-rw-rw-r-- 1 aluno aluno 0 Ago 7 03:50 arq2ses1ex9
-rw-rw-r-- 1 aluno aluno 0 Ago 7 03:50 arq3ses1ex9
-rw-r--r-- 1 aluno aluno 0 Ago 7 03:52 arq4ses1ex9
-r--r--r-- 1 aluno aluno 0 Ago 7 03:52 arq5ses1ex9
-rw-r--r-- 1 aluno aluno 0 Ago 7 03:52 arq6ses1ex9
drwxrwxrwx 2 aluno aluno 4,0K Ago 7 03:50 dir1ses1ex9
drwxrwxr-x 2 aluno aluno 4,0K Ago 7 03:50 dir2ses1ex9
drwxrwxr-- 2 aluno aluno 4,0K Ago 7 03:50 dir3ses1ex9
drwxr-xr-- 2 aluno aluno 4,0K Ago 7 03:52 dir4ses1ex9
dr-xr-xr-x 2 aluno aluno 4,0K Ago 7 03:52 dir5ses1ex9
drwxr-xr-x 2 aluno aluno 4,0K Ago 7 03:52 dir6ses1ex9
```


9) Entendendo as permissões padrões

1. Na execução do exercício anterior, você saberia explicar por que, ainda que utilizando a mesma *umask*, as permissões associadas ao arquivo criado diferem das do diretório?

O comando *umask* trabalha de forma diferente com arquivos e diretórios. Por motivos de segurança um novo arquivo nunca recebe a permissão de execução quando da sua criação.

Usuários e grupos

1) Criando contas de usuários

Uma das atividades que fazem parte da rotina diária de um administrador de sistemas é o gerenciamento de contas de usuários. Frequentemente, usuários são criados, modificados, desabilitados ou excluídos do sistema.

1. Descubra se o sistema faz uso de *shadow passwords* ou se ainda utiliza o esquema tradicional.

```
$ ls -ld /etc/gshadow /etc/shadow
-rw-r----- 1 root shadow 666 Ago 5 16:52 /etc/gshadow
-rw-r----- 1 root shadow 1125 Ago 5 16:51 /etc/shadow
```

O aluno deve verificar se os arquivos `/etc/shadow` e `/etc/gshadow` existem.

2. Crie uma conta para você no sistema, seguindo os passos descritos na aula teórica e no material didático.

- Editar o arquivo `/etc/group` e inserir uma nova linha com os parâmetros relativos ao grupo do novo usuário:

- Nome do grupo;
- Senha ("x");
- GID;
- Membros do grupo.

```
marcelo:x:1001:
```

- Editar o arquivo `/etc/gshadow` e inserir uma nova linha com os parâmetros relativos ao grupo do novo usuário:

- Nome do grupo;
- Senha criptografada do grupo ("!");
- Administradores do grupo;
- Membros do grupo.

```
marcelo:!::
```

- Editar o arquivo `/etc/passwd` e inserir uma nova linha com os parâmetros relativos à conta do novo usuário:

- Nome do usuário;
- Senha ("x");

- UID;
- GID;
- GECOS: campo com comentários informativos do usuário;
- Diretório *home*;
- Shell de login.

```
marcelo:x:1001:1001:,,,:/home/marcelo:/bin/bash
```

- Editar o arquivo */etc/shadow* e inserir uma nova linha os parâmetros relativos à conta do novo usuário:

- Nome do usuário;
- Senha criptografada: inserir valor "*", que será alterado a seguir;
- *last_change*: número de dias desde a última alteração de senha;
- *minimum*: número mínimo de dias até que senha possa ser alterada novamente;
- *maximum*: número máximo de dias até que a senha deva ser alterada;
- *warning*: número de dias para aviso de expiração de senha;
- *inactive*: número de dias após expiração em que a senha será aceita;
- *expire*: data para expiração da senha.

```
marcelo:*:16846:0:99999:7:::
```

- Definir uma senha para a nova conta, utilizando o comando *passwd*:

```
# passwd marcelo
```

- Copiar os arquivos de inicialização contidos no diretório */etc/skel* para o diretório *home* do usuário.

```
# cp -r /etc/skel /home/marcelo
```

- Alterar o usuário e grupo donos dos arquivos na pasta *home* do novo usuário:

```
# chown -R marcelo.marcelo /home/marcelo
```

- Configurar a *quota* de disco para o usuário, se o sistema utilizar *quotas*.
- Testar se a conta foi criada corretamente, fazendo login no sistema e verificando se o diretório corrente é o diretório *home* do usuário, definido no arquivo */etc/passwd*.
- O *script shell* abaixo mostra uma maneira como os comandos executados manualmente

nesta atividade poderiam ser automatizados por um administrador de sistemas:

```
#!/bin/bash

usage() {
    echo "  Usage: $0 -u USER -p PASSWORD"
    exit 1
}

if [[ $EUID -ne 0 ]]; then
    echo "  [*] Not root!" 1>&2
    exit 1
fi

while getopts ":u:p:" opt; do
    case "$opt" in
        u)
            user=${OPTARG}
            ;;
        p)
            pass=${OPTARG}
            ;;
        *)
            usage
            ;;
    esac
done

[ -z $user ] && { echo "  [*] No user?"; usage; }
[ -z $pass ] && { echo "  [*] No password?"; usage; }

if egrep "^${user}:" /etc/passwd &> /dev/null; then
    echo "  [*] User exists!"
    exit 1
fi

lastgid=$( getent group | grep -v 'nogroup' | cut -d':' -f3 | sort -n | tail -n1 )
((lastgid++))

echo "$user:x:$lastgid:" >> /etc/group
echo "$user:!::" >> /etc/gshadow

lastuid=$( getent passwd | grep -v 'nobody' | cut -d':' -f3 | sort -n | tail -n1 )
((lastuid++))

echo "$user:x:$lastuid:$lastgid:,,,:/home/$user:/bin/bash" >> /etc/passwd
```

```
salt="$( cat /dev/urandom | tr -dc 'a-zA-Z0-9' | fold -w 8 | head -n 1 )"
hpass="$( mkpasswd -m sha-512 -S $salt -s <<< $pass )"
echo "$user:$hpass:16842:0:99999:7:::" >> /etc/shadow

cp -r /etc/skel /home/$user
chown -R ${user}.${user} /home/$user
```

3. Agora, crie uma conta para o instrutor, utilizando, desta vez, o comando `useradd`. Faça com que a conta criada tenha sete dias de duração e com que o seu diretório de trabalho seja `/NOME`, onde `NOME` é o nome de usuário para o qual a conta deve ser aberta.



Consulte a página de manual do comando `useradd` e procure as informações necessárias para incluir a data de expiração (*expire date*) e criar o diretório de trabalho (*homedir*) em um local diferente do padrão, que é `/home/NOME`. Ainda, não se deve esquecer de escolher e atribuir uma senha para as contas que obedeça aos padrões de segurança apresentados no texto. Observe, ainda, que o diretório *home* não é criado automaticamente pelo comando `useradd`.

```
# useradd instrutor -d /instrutor -m -e 2018-08-07
# passwd instrutor
Digite a nova senha UNIX:
Redigite a nova senha UNIX:
passwd: senha atualizada com sucesso
```

Ao usar o comando `useradd`, o shell escolhido pelo sistema é o `/bin/sh`, por padrão. Para alterar o shell do usuário, pode-se editar o arquivo `/etc/passwd` diretamente, ou executar o comando `chsh`, mostrado abaixo:



```
# getent passwd | grep '^instrutor:'
instrutor:x:1002:1002::/home/instrutor:/bin/sh

# chsh instrutor
Mudando o shell de login para instrutor
Informe o novo valor ou pressione ENTER para aceitar o padrão
Shell de Login [/bin/sh]: /bin/bash

# getent passwd | grep '^instrutor:'
instrutor:x:1002:1002::/home/instrutor:/bin/bash
```

4. O comando `useradd` não é uma boa opção para informar a senha do usuário. Por quê?

Porque a senha criptografada deve ser digitada diretamente na linha de comando, podendo ser lida posteriormente via logs ou histórico do shell.

5. Faça um *script* que simule o comando `newusers`. Para isso, você deve criar um arquivo texto contendo as informações a respeito dos usuários, mantendo o mesmo padrão dos arquivos lidos pelo comando `newusers` (para descobrir o formato, consulte a página de manual: `$ man 8`

`newusers`). Como este arquivo conterá as senhas dos usuários, é importante removê-lo logo após a criação das contas.



Utilize a variável de sistema `IFS` (*Internal Field Separator*) em seu *script* para definir o caractere ":" como campo que separa as informações sobre as contas.

O *script shell* abaixo mostra um exemplo de solução para o problema proposto:

```
#!/bin/bash

IFS=':'
useradd="$( which useradd )"
groupadd="$( which groupadd )"

usage() {
    echo " Usage: $0 -f NEWUSERS_FILE"
    echo " File syntax: username:password:uid:gid:gecos:homedir:shell"
    exit 1
}

if [[ $EUID -ne 0 ]]; then
    echo " [*] Not root!" 1>&2
    exit 1
fi

while getopts ":f:" opt; do
    case "$opt" in
        f)
            file=${OPTARG}
            ;;
        *)
            usage
            ;;
    esac
done

[ -z $file ] && { echo " [*] No file?"; usage; }

while read username password uid gid gecos homedir shell; do
    if egrep "^${username}:" /etc/passwd &> /dev/null; then
        echo " [*] User $username already exists, skipping..."
    elif getent passwd | cut -d':' -f3 | grep "$uid" &> /dev/null; then
        echo " [*] UID $uid already exists, skipping..."
    elif getent group | cut -d':' -f3 | grep "$gid" &> /dev/null; then
        echo " [*] GID $gid already exists, skipping..."
    else
        hpass="$( mkpasswd -m sha-512 -s <<< $pass )"
        $groupadd $username -g $gid
        $useradd $username -p $( mkpasswd -m sha-512 -s <<< $password) -u $uid -g $gid
        -c "$gecos" -d $homedir -s $shell
        cp -r /etc/skel $homedir
        chown -R $username:$username $homedir
    fi
done < "$file"
```

Um arquivo de entrada com sintaxe válida para o *script* acima seria como se segue:

```
usuario1:rnpesr:1101:1101::/home/usuario1:/bin/bash
usuario2:rnpesr:1102:1102::/home/usuario2:/bin/bash
usuario3:rnpesr:1103:1103::/home/usuario3:/bin/bash
```

2) Verificando e modificando informações de contas de usuário

Após a criação de uma conta, é fundamental que o administrador verifique se ela foi criada corretamente.

1. Entre no sistema com o usuário criado no item 3 da atividade 1 e execute os comandos indicados para verificação de uma conta.

```
$ ssh instrutor@localhost
instrutor@localhost's password:

$ id
uid=1002(instrutor) gid=1002(instrutor) grupos=1002(instrutor)
$ pwd
/instrutor
$ ls -la
total 8
drwxr-xr-x  2 instrutor instrutor 4096 Ago  7 14:42 .
drwxr-xr-x 23 root      root      4096 Ago  7 14:42 ..
```

2. Seria possível inserir o número de telefone de trabalho desse mesmo usuário, junto com a informação de quem ele é? Faça isso e torne a checar se a sua mudança surtiu efeito.

```
# chfn -w 6198765432 instrutor
# finger -l instrutor
Login: instrutor                Name:
Directory: /instrutor          Shell: /bin/sh
Office Phone: 619-876-5432
Last login Tue Aug  7 14:44 (-03) on pts/1 from localhost
No mail.
No Plan.
```

3) Criando grupos de usuários

O recurso de grupos de usuários é muito útil para compartilhar informações. No momento em que a conta **instrutor** foi criada, no item 3 da atividade 1 deste roteiro, o grupo primário ficou sendo o seu próprio nome de usuário. Isso ocorre sempre que não é atribuído um valor para o grupo primário, no momento da criação de um novo usuário. Como o usuário criado não faz parte de outro grupo, a não ser do seu próprio, ele somente poderá acessar seus arquivos ou aqueles

arquivos para os quais haja permissão de acesso para outros usuários.

1. Use o comando apropriado para criar um grupo chamado **grupoteste**.

```
# addgroup grupoteste
Adicionando grupo 'grupoteste' (GID 1003) ...
Concluído.
```

2. Liste o arquivo **/etc/group** e anote o **GID** que foi atribuído ao grupo criado.

```
# getent group | egrep '^grupoteste:' | cut -d':' -f3
1003
```

3. Aproveite para observar, no arquivo **/etc/group**, quais são os outros grupos existentes no sistema. Qual o grupo associado ao usuário **root**?

```
# getent group | grep root
root:x:0:
```

O grupo **root**, que é o grupo primário do superusuário do sistema.

4. Altere o grupo primário do usuário **instrutor**, de modo que este passe a ser o grupo criado no item 1 da atividade 3, **grupoteste**.

```
# usermod -g grupoteste instrutor
# getent passwd | egrep '^instrutor:'
instrutor:x:1002:1003:,,6198765432,:/instrutor:/bin/sh
```

5. Se autentique no sistema utilizando a sua conta e inclua seu usuário como administrador do grupo **grupoteste**. Em seguida inclua o usuário **instrutor** no grupo **grupoteste**. Você conseguiu executar as tarefas propostas? Por quê? Como você deve fazer para realizar as tarefas?

```
$ gpasswd -a instrutor grupoteste
gpasswd : Permissão negada.
```

Não, porque somente o usuário **root** pode cadastrar administradores em um grupo. Os comandos para viabilizar essa tarefa seriam:

```
# gpasswd -A aluno grupoteste
# logout

$ whoami
aluno
$ gpasswd -a instrutor grupoteste
Adicionando usuário instrutor ao grupo grupoteste
```

6. Altere novamente o grupo primário do usuário **instrutor** para o grupo **instrutor**.

```
# usermod -g instrutor instrutor
# getent passwd | egrep '^instrutor:'
instrutor:x:1002:1002:,,6198765432,:/instrutor:/bin/sh
```

4) Incluindo usuários em grupos secundários

1. Editando o arquivo **/etc/group**, inclua, no grupo **grupoteste**, o usuário criado no terceiro item da atividade 1 desse roteiro (**instrutor**). Note que o grupo primário do usuário não deve mudar; continua sendo o nome do usuário.

Inserir após o último caractere ":" na linha referente ao grupo **grupoteste**, o *username* do usuário **instrutor**.

```
# getent group | egrep '^grupoteste:'
grupoteste:x:1003:instrutor
# groups instrutor
instrutor : instrutor grupoteste
```

2. Agora, utilize um comando apropriado para inserir nesse mesmo grupo o usuário criado para você no primeiro item da atividade 1.

```
# groups marcelo
marcelo : marcelo

# usermod -a -G grupoteste marcelo
# groups marcelo
marcelo : marcelo grupoteste
```

5) Bloqueando contas de usuários

No Linux, é possível impedir temporariamente o acesso ao sistema mesmo que o usuário esteja utilizando uma conta com acesso liberado a este.

1. Utilizando um comando apropriado, bloqueie a conta criada para o instrutor e teste se obteve

sucesso no bloqueio.

```
# passwd -l instrutor
passwd: informação de expiração de senha alterada.

# ssh instrutor@localhost
instrutor@localhost's password:
Permission denied, please try again.
```

2. Agora desbloqueie a conta e faça o teste de acesso para verificar se sua alteração surtiu efeito.

```
# passwd -u instrutor
passwd: informação de expiração de senha alterada.

# ssh instrutor@localhost
instrutor@localhost's password:
$ pwd
/instrutor
```

Também pode-se utilizar o comando `# usermod -U USERNAME` para atingir o mesmo objetivo.

6) Removendo uma conta de usuário manualmente

No Linux, é possível executar uma mesma tarefa de diversas maneiras. Para um administrador de sistemas, é importante conhecer essas alternativas, porque elas podem ser úteis em situações específicas em que não seja possível utilizar um dado recurso ou ferramenta do sistema.

1. Sem utilizar o comando `userdel`, remova a conta criada para você no segundo item da atividade 1.

Em ordem, deve-se executar as atividades espelho das que foram feitas anteriormente, quais sejam:

- Remover entradas referente à conta nos arquivos:
 - `/etc/group`
 - `/etc/gshadow`
 - `/etc/passwd`
 - `/etc/shadow`
- Remover o diretório *home* do usuário;
- Remover as configurações de *quota*, caso tenham sido configuradas anteriormente.
- O *script shell* abaixo mostra uma maneira como os comandos executados manualmente nesta atividade poderiam ser automatizados por um administrador de sistemas:

```
#!/bin/bash

BACKUP_DIR="/root/user_backups"

usage() {
    echo " Usage: $0 -u USER [-b]"
    echo " Use [-b] to backup user dir to /root before deletion."
    exit 1
}

if [[ $EUID -ne 0 ]]; then
    echo " [*] Not root!" 1>&2
    exit 1
fi

backup=false
while getopts ":u:b" opt; do
    case "$opt" in
        u)
            user=${OPTARG}
            ;;
        b)
            backup=true
            ;;
        *)
            usage
            ;;
    esac
done

[ -z $user ] && { echo " [*] No user?"; usage; }

if ! egrep "^${user}:" /etc/passwd &> /dev/null; then
    echo " [*] User does not exist!"
    exit 1
fi

homedir=$( getent passwd | egrep "^$user:" | cut -d':' -f6 )

if $backup; then
    [ ! -d $BACKUP_DIR ] && mkdir $BACKUP_DIR
    tar czf $BACKUP_DIR/${user}.tar.gz $homedir
fi
rm -rf /home/$user

sed -i "/^$user:/d" /etc/group
sed -i "/^$user:/d" /etc/gshadow
sed -i "/^$user:/d" /etc/passwd
sed -i "/^$user:/d" /etc/shadow
```

```
# remove user from secondary groups
sed -r -i "s/,?${user},?/,/ ; s/,/,/ ; s/,,$/" /etc/group
```

2. Certifique-se de que esse usuário foi realmente excluído do sistema, utilizando um dos comandos que fornecem informações sobre os usuários.

```
# finger marcelo
finger: marcelo: no such user.
```

3. Faça um backup de seus dados de modo que o instrutor possa ter sobre eles o mesmo tipo de acesso que você.

O *script* apontado no primeiro item desta atividade já faz o backup de arquivos (via opção **-b**). Caso o usuário tenha sido removido sem que seu *home* tenha sido apagado (por exemplo, via comando **userdel**), pode-se fazer o backup dos dados da seguinte forma:

```
# tar czf /instrutor/marcelo.tar.gz /home/marcelo && rm -rf /home/marcelo
tar: Removendo '/' inicial dos nomes dos membros
# ls /instrutor/
marcelo.tar.gz
```

7) Obtendo informações sobre usuários

Muitas vezes, é necessário obter informações sobre os usuários de um sistema. Dois comandos que fornecem informações sobre usuários são **finger** e **id**.

1. Verifique os parâmetros do usuário criado na atividade 1 utilizando esses comandos, e descreva a diferença entre os dois a partir dos resultados obtidos. Consulte as páginas de manual para verificar as opções disponíveis nestes comandos.

```
$ id instrutor
uid=1002(instrutor) gid=1002(instrutor) grupos=1002(instrutor),1003(grupoteste)

$ finger instrutor
Login: instrutor                Name:
Directory: /instrutor          Shell: /bin/sh
Office Phone: 619-876-5432
Last login Tue Aug  7 15:45 (-03) on pts/1 from localhost
No mail.
No Plan.
```

O comando **id** mostra os grupos do usuário e seu UID enquanto o comando **finger** mostra informações como: diretório *home*, shell, *username*, GECOS, terminal utilizado pelo usuário, etc.

8) Removendo contas de usuários

1. Utilizando os comandos apropriados, remova a conta criada para o instrutor. Não se esqueça de que um grupo foi especialmente criado para ele e que ele também possui um grupo secundário.

```
# userdel -r instrutor
# getent passwd | egrep '^instrutor:'
# getent group | egrep ',?instrutor,?'
#
```

9) Alterando o grupo a que um arquivo pertence

O arquivo `/etc/passwd` contém informações importantes sobre os usuários do sistema. Esse arquivo pertence ao usuário `root` e ao grupo `root`. As permissões de acesso desse arquivo definem que ele só poderá ser modificado pelo usuário `root`.

1. Faça com que esse arquivo pertença ao grupo `grupoteste`, criado na atividade 3. Com isso, os usuários desse grupo, incluindo o usuário criado na atividade 1 poderão acessar esse arquivo por meio das permissões definidas para os usuários do grupo.

```
# chgrp grupoteste /etc/passwd
# ls -ld /etc/passwd
-rw-r--r-- 1 root grupoteste 1612 Ago  7 16:12 /etc/passwd
```

10) Alterando permissões de acesso de arquivos

É muito comum o administrador ter que modificar a permissão de arquivos para possibilitar ou impedir que eles sejam lidos ou modificados por diferentes categorias de usuários. A melhor forma de fazer isso é utilizando o comando `chmod`.

1. O arquivo `/etc/passwd` tem apenas permissão de leitura para os usuários do seu grupo proprietário. Use o comando `chmod` para atribuir permissão de escrita ao grupo proprietário desse arquivo. A permissão de escrita nesse arquivo é inicialmente atribuída apenas ao usuário proprietário do arquivo.

```
# chmod 664 /etc/passwd
# ls -ld /etc/passwd
-rw-rw-r-- 1 root grupoteste 1612 Ago  7 16:12 /etc/passwd
```

Alternativamente, pode-se usar também o comando `# chmod g+w /etc/passwd` para atingir o mesmo objetivo.

2. O setor de controladoria de uma empresa só possuía um funcionário, que pediu demissão. Como não há um diretório específico para armazenar os arquivos do setor, todos os seus

arquivos de trabalho estão armazenados em seu diretório *home*. Que passos você deve fazer para disponibilizar estes arquivos para o novo funcionário que será contratado e para que este tipo de problema não volte a ocorrer?

- Crie o grupo *controladoria*:

```
# addgroup controladoria
Adicionando grupo 'controladoria' (GID 1002) ...
Concluído.
```

- Crie a conta do novo funcionário e defina o grupo *controladoria* como seu grupo primário:

```
# useradd -m -g controladoria funcionario
# ls -lha /home/ | egrep 'funcionario$'
drwxr-xr-x  2 funcionario controladoria 4,0K Ago  7 16:22 funcionario
```

- Crie o diretório */home/controladoria*:

```
# mkdir /home/controladoria
# chgrp controladoria /home/controladoria
# chmod g+w /home/controladoria/
# ls -lha /home/ | egrep 'controladoria$'
drwxrwxr-x  2 root          controladoria 4,0K Ago  7 16:24 controladoria
```

- Habilite o *sticky bit* para o diretório */home/controladoria*, de forma que todos os membros do grupo *controladoria* possam criar arquivos ali, mas apenas o dono de cada arquivo possa apagá-los:

```
# chmod +t /home/controladoria/
# ls -lha /home/ | egrep 'controladoria$'
drwxrwxr-t  2 root          controladoria 4,0K Ago  7 16:24 controladoria
```

- Mova os arquivos do antigo funcionário para o diretório */home/controladoria*:

```
# cp -a /home/antigo_funcionario /home/controladoria
# ls /home/controladoria
antigo_funcionario
```

Redefina as permissões dos arquivos do antigo funcionário:

```
# chown -R root.controladoria /home/controladoria
```

- Remova a conta do antigo funcionário:

```
# userdel -r antigo_funcionario
```

- Oriente o novo funcionário para que ele só armazene os arquivos relacionados ao setor de controladoria no diretório `/home/controladoria`, e seus arquivos pessoais em `/home/funcionario`.

Por motivos de segurança, ao final das atividades, retorne a permissão e o grupo do arquivo `/etc/passwd` para os valores originais.



```
# chown root.root /etc/passwd
# chmod 644 /etc/passwd
# ls -lh /etc/passwd
-rw-r--r-- 1 root root 1,7K Ago 7 16:22 /etc/passwd
```


Processos

1) Descobrindo o número de processos em execução

1. Quantos processos estão sendo executados na máquina no momento? Use o comando `wc` para contá-los.

```
# ps aux | sed -n '1!p' | wc -l
71
```

2. Faça um *script* que liste o número de processo que cada usuário está executando.

O *script shell* abaixo mostra um exemplo de solução para o problema proposto:

```
#!/bin/bash

users=( $( ps aux | awk '{ if (NR>1) print $1 }' | sort | uniq ) )

for (( i=0; i<${#users[@]}; i++ )); do
    nproc=$( ps aux | grep "${users[$i]}" | wc -l )
    echo "User ${users[$i]} has $nproc active processes"
done
```

2) Descobrindo o PID e o PPID de um processo

1. Quais os valores de `PID` e `PPID` do shell que você está utilizando no sistema?

```
$ echo -e "PID: $$\nPPID: $PPID"
PID: 1016
PPID: 1015
```

2. Faça um *script* que liste todos os processos que foram iniciados pelo processo `init`. A lista não deve conter mais de uma ocorrência do mesmo processo.

O *script shell* abaixo mostra um exemplo de solução para o problema proposto:

```
#!/bin/bash

pinit=( $( ps -eo ppid,comm | egrep -e "^ *1 " | sort | uniq | awk {'print $2'} ) )
pinit_count=${#pinit[@]}

echo "$pinit_count processes started by init (1):"

for (( i=0; i<$pinit_count; i++ )); do
    echo "  ${pinit[$i]}"
done
```

3) Estados dos processos

1. Qual o status mais frequente dos processos que estão sendo executados no sistema? Você saberia explicar por quê?

```
$ ps aux | awk '{print $8}' | sort | uniq -c | sort -n | tac
 24 S
 23 S<
 16 Ss
  4 S+
  1 STAT
  1 Ssl
  1 Ss+
  1 SN
  1 R+
  1 D+
```

O estado mais frequente é *sleep*, porque apenas um processo pode estar sendo executado pela CPU em um dado momento.

4) Alternando a execução de processos

1. Execute o comando `$ sleep 1000` diretamente do terminal.

```
$ sleep 1000
```

2. Pare o processo e mantenha-o em memória.

Basta digitar a combinação de teclas **CTRL + Z**.

```
$ sleep 1000
^Z
[1]+  Parado
```

3. Liste os processos parados.

```
$ jobs
[1]+  Parado                  sleep 1000
```

4. Coloque-o em *background*.

```
$ bg
[1]+ sleep 1000 &
$ jobs
[1]+  Executando              sleep 1000 &
```

5. Verifique se o comando `sleep 1000` está rodando.

```
$ ps ax | egrep 'sleep 1000$'
2178 pts/0    S          0:00 sleep 1000
```

6. É possível cancelar a execução desse comando quando ele está rodando em *background*? Caso seja possível, faça-o.

```
$ kill 2178
$ ps ax | egrep 'sleep 1000$'
[1]+  Terminado              sleep 1000
```

5) Identificando o RUID e o EUID de um processo

1. Logado como o usuário `aluno`, execute o comando `passwd` no seu terminal. Antes de mudar a senha, abra uma segunda console e autentique-se como `root`. Verifique o `RUID` e o `EUID` associados ao processo `passwd`. Esses valores são iguais ou diferentes? Você saberia explicar por quê? Por fim, cancele a execução do processo `passwd`.

Na primeira console, execute:

```
$ passwd
Mudando senha para aluno.
Senha UNIX (atual):
```

Antes de digitar a senha, abra uma segunda console como `root` e execute:

```
# ps -eo user,ruser,comm | egrep '^USER | passwd$'
USER      RUSER      COMMAND
root      aluno      passwd

# which passwd
/usr/bin/passwd
# ls -lh /usr/bin/passwd
-rwsr-xr-x 1 root root 53K Mai 17 2017 /usr/bin/passwd
```

Os valores são diferentes porque o binário `passwd` possui o bit *SUID* ativado. O **RUID** (*real uid*) é do usuário que está executando o comando e o **EUID** (*effective uid*) é o do usuário `root`, que é o dono do arquivo.

6) Definindo a prioridade de processos

1. Verifique as opções do comando `nice` e em seguida, execute o comando abaixo, verificando sua prioridade, utilizando o comando `ps`:

```
# nice -n -15 sleep 1000 &
[1] 2289
```

Basta executar o comando `# ps lax` e buscar o processo relevante, verificando o valor da quinta coluna. Em uma única linha e de forma mais específica, podemos fazer:

```
# ps lax | egrep ' sleep 1000$' | awk '{print $5}'
2289 5
```

2. Repita o comando do primeiro item, passando para o comando `nice` o parâmetro `-n -5`. Verifique como isso afeta a prioridade do processo. Ela aumentou, diminuiu ou permaneceu a mesma?

```
# nice -n -5 sleep 1000 &
[2] 2312
# ps lax | egrep ' sleep 1000$' | awk '{print $3, $5}'
2289 5
2312 15
```

A prioridade diminuiu, porque quanto maior o valor na coluna **PRI**, menor a prioridade do processo.

7) Editando arquivos crontab para o agendamento de tarefas

Neste exercício, trabalharemos com o comando `crontab`, utilizado para editar os arquivos `cron` do agendador de tarefas do sistema. Esses arquivos serão verificados pelo *daemon* `cron` periodicamente em busca de tarefas para serem executadas pelo sistema.



Para entender o funcionamento do `crontab`, o primeiro passo é ler as páginas do manual relevantes. Para o comando `crontab` em si, consulte a seção 1 do manual:

```
$ man 1 crontab
```

Para o formato de um arquivo de configuração `crontab`, consulte a seção 5:

```
$ man 5 crontab
```

1. Existe alguma entrada de `crontab` para o seu usuário?

```
$ crontab -l
no crontab for aluno
```

2. Que opção deve ser usada para editar o seu arquivo de `crontab`?

```
$ crontab -e
no crontab for aluno - using an empty one

Select an editor. To change later, run 'select-editor'.
 1. /bin/nano      <---- easiest
 2. /usr/bin/vim.basic
 3. /usr/bin/vim.tiny

Choose 1-3 [1]: 1
No modification made
```

8) Agendando uma tarefa no daemon cron

Neste exercício, será necessário enviar mensagens de correio eletrônico. Para isso, você deverá utilizar o comando `mail`; o instrutor pode fornecer as informações básicas sobre ele. Um exemplo do uso desse comando para enviar uma mensagem ao endereço `fulano@dominio` com o assunto *Mensagem de teste* é:

```
$ mail fulano@dominio -s "Mensagem de teste" < /dev/null
```

1. Configure o `crontab` para que uma mensagem de correio eletrônico seja enviada automaticamente pelo sistema, sem interferência do administrador às 20:30 horas.

Utilize o comando `$ crontab -e` para editar o `crontab` e inserir a linha:

```
30 20 * * * mail fulano@dominio -s "Mensagem de teste" < /dev/null
```

2. Como verificar se a configuração foi feita corretamente?

```
$ crontab -l | egrep -v '^#'  
30 20 * * * mail fulano@dominio -s "Mensagem de teste" < /dev/null
```

3. Qual o requisito fundamental para garantir que a ação programada será executada?

O daemon do `cron` deve estar em execução e a sintaxe do `crontab`, incluindo a linha de comando utilizada, deve estar correta.

4. Há como confirmar se a mensagem foi efetivamente enviada, sem consultar o destinatário?

Verifique no arquivo `/var/log/syslog` se a tarefa foi executada no horário correto com sucesso. Você deve ver uma entrada do tipo:

```
/var/log/syslog:Aug 7 17:40:01 cliente CRON[2524]: (aluno) CMD (COMMAND)
```

Dependendo da distribuição Linux em uso, as mensagens relativas ao `cron` podem estar em `/var/log/syslog`, `/var/log/cron.log`, `/var/log/daemon.log` ou outros arquivos. Verifique na documentação do fabricante/mantenedor.

5. Dê dois exemplos de utilização desse mecanismo para apoiar atividades do administrador de sistemas.

Podemos, por exemplo, utilizar o `cron` para agendamento de backups e limpeza de diretórios temporários.

6. Faça um script que liste os arquivos sem dono do sistema e envie a lista por e-mail ao usuário `root`.

O *script shell* abaixo mostra um exemplo de solução para o problema proposto, com a característica adicional de guardar os logs enviados por e-mail em um diretório dentro do *home* do `root`:

```
#!/bin/bash

LOGDIR="/root/nouser_logs"

[ ! -d $LOGDIR ] && mkdir $LOGDIR

curlog="$LOGDIR/nouser_$( date +%Y%m%d ).log"
find / -nouser -print > $curlog
mail -s "Files without ownership for $( date )" root < $curlog
```

7. Agende no crontab do usuário **root** o script do item 6, de modo que ele seja executado de segunda a sexta às 22:30 horas.

Logado como usuário **root**, digite o comando **# crontab -e** para editar o **crontab** e insira a linha a seguir:

```
30 22 * * 1-5 /root/scripts/find_nouser.sh
```

9) Listando e removendo arquivos crontab

1. Liste o conteúdo do seu arquivo de **crontab** e, em seguida, remova-o. Quais as opções utilizadas para executar as ações demandadas?

```
$ crontab -l | egrep -v '^#'
30 20 * * * mail fulano@dominio -s "Mensagem de teste" < /dev/null

$ crontab -r
$ crontab -l
no crontab for aluno
```

10) Entendendo o comando exec

1. Execute o comando **\$ exec ls -l**. Explique o que aconteceu.

```
# whoami
root
# exec ls -l /mnt/
total 0

$ whoami
aluno
```

O shell corrente foi finalizado. Sempre que um comando é executado, um novo processo é criado. Já quando um comando é executado como argumento do comando **exec**, a imagem do

shell corrente é substituída pela do processo invocado, e quando esse processo encerra sua execução já não há mais shell de retorno.

Sistema de arquivos



Em algumas atividades, você trabalhará com a conta **root**, o que lhe dará todos os direitos sobre os recursos do sistema. Seja cauteloso antes de executar qualquer comando.

1) Obtendo informações sobre sistemas de arquivos e partições

Verifique quais são as opções do comando **df** e responda:

1. Quais *file systems* foram definidos no seu sistema?

```
$ cat /etc/fstab | grep -v '^#' | awk '{print $3}' | sort | uniq
ext4
swap
udf,iso9660
```

Alternativamente, verifique no arquivo **/etc/fstab** o campo *type* de cada partição.

2. Qual partição ocupa maior espaço em disco?

```
$ df -m | awk 'NR>1' | awk '{print $2,$1}' | sort -n | tac | head -n1
29910 /dev/sda1
```

Alternativamente, verifique com o comando **df -h** a partição que possui o maior número de bytes em uso, na coluna *"Used"*.

3. Qual é o *device* correspondente à partição raiz?

```
$ df -h | egrep ' /$' | awk '{print $1}'
/dev/sda1
```

Alternativamente, verifique através do comando **df -h** a linha que possui no campo *"Mounted on"* o caractere **/** e em seguida, nesta mesma linha, verificar o *device* correspondente no campo *"Filesystem"*.

4. Os discos do computador que você está utilizando são do tipo **IDE** ou **SCSI**?

```
$ dmesg | egrep 'Attached.*disk'
[ 10.310957] sd 1:0:0:0: [sdb] Attached SCSI disk
[ 10.358641] sd 0:0:0:0: [sda] Attached SCSI disk
```

Alternativamente, verifique através do comando **df -h**, o campo *"Filesystem"*. Discos **IDE** são

representados pelos dispositivos `/dev/hda`, `/dev/hdb`, `/dev/hdc`, etc. Discos **SCSI** são representados pelos dispositivos `/dev/sda`, `/dev/sdb`, `/dev/sdc`, etc.

5. A que partição pertence o arquivo `/etc/passwd`?

```
$ df -T /etc/passwd | sed -n '1!p' | awk '{print $1}'  
/dev/sda1
```

Alternativamente, verifique através do comando `df` em qual partição se encontra o diretório `/etc`.

6. Você faria alguma crítica em relação ao particionamento do disco do computador que você está utilizando? Como você o reparticionaria?

O aluno deve avaliar o esquema de particionamento adotado e responder à pergunta levando em conta as vantagens obtidas com o particionamento, como isolamento de falhas, ganho de performance, etc.

2) Determinando o espaço utilizado por um diretório

1. Que subdiretório do diretório `/var` ocupa maior espaço em disco?

```
# du -sm /var/* | sort -n | tac | head -n1  
97      /var/lib
```

Alternativamente, verifique através do comando `du -mcs /var/*` qual diretório ocupa maior espaço em disco.

2. Faça um *script* para monitorar a taxa de utilização das partições de um servidor. Este script deve enviar um e-mail ao usuário `root` caso a taxa de utilização de um ou mais partições ultrapasse 90% de uso. O e-mail deve informar o(s) *filesystem(s)* e sua(s) respectiva(s) taxa(s) de utilização (somente se estiver acima de 90%).

O *script shell* abaixo mostra um exemplo de solução para o problema proposto:

```
#!/bin/bash

parts=( $( df -h | egrep -e "^/dev" | awk {'print $6'} ) )
partusage=( $( df -h | egrep -e "^/dev" | awk {'print $5'} | tr -d % ) )
out="$( mktemp )"

for (( i=0; i<${#parts[@]}; i++ )); do
    if [ ${partusage[$i]} -gt 90 ]; then
        echo -e "Filesystem ${parts[$i]} over ${partusage[$i]}% capacity." >> $out
    fi
done

if [ -e $out ]; then
    mail -s "Filesystem capacity report" root@localhost < $out
    rm -f $out
fi
```

3) Criando uma nova partição e definindo um novo sistema de arquivos

Você, como administrador de um sistema, pode, a qualquer instante, deparar-se com um problema gerado por uma aplicação que necessita de maior espaço em disco para armazenar informações (isso é muito comum em sistemas de banco de dados). Nessas situações, normalmente, um novo disco é adicionado ao sistema.



A execução desta atividade depende da existência de um espaço não alocado no sistema. Caso não exista este espaço e esta atividade esteja sendo executada em um ambiente virtualizado, pode-se ter a facilidade de adicionar um novo disco à máquina virtual. Consulte o instrutor sobre como proceder.

1. Faça login como usuário **root**. Deve haver um espaço não utilizado no disco do seu cliente. Você deve adicionar esse espaço ao sistema, criando uma partição do tipo utilizado pelo Linux.
 - Primeiro, vamos verificar quais discos foram conectados ao sistema durante o *boot*:

```
# dmesg | egrep 'Attached.*disk'
[ 10.310957] sd 1:0:0:0: [sdb] Attached SCSI disk
[ 10.358641] sd 0:0:0:0: [sda] Attached SCSI disk
```

- Vamos checar o estado de uso desses discos, começando pelo **/dev/sda**:

```
# fdisk -l /dev/sda
```

Disco /dev/sda: 40 GiB, 42949672960 bytes, 83886080 setores

Unidades: setor de 1 * 512 = 512 bytes

Tamanho de setor (lógico/físico): 512 bytes / 512 bytes

Tamanho E/S (mínimo/ótimo): 512 bytes / 512 bytes

Tipo de rótulo do disco: dos

Identificador do disco: 0x27232fb6

Device	Boot	Start	End	Sectors	Size	Id	Type
/dev/sda1	*	2048	62500863	62498816	29,8G	83	Linux
/dev/sda2		62502910	83884031	21381122	10,2G	5	Extended
/dev/sda5		62502912	66406399	3903488	1,9G	82	Linux swap / Solaris
/dev/sda6		66408448	83884031	17475584	8,3G	83	Linux

- O disco **/dev/sda** já está sendo utilizado, e aparentemente está cheio. Vamos então verificar o dispositivo **/dev/sdb**:

```
# fdisk -l /dev/sdb
```

Disco /dev/sdb: 8 GiB, 8589934592 bytes, 16777216 setores

Unidades: setor de 1 * 512 = 512 bytes

Tamanho de setor (lógico/físico): 512 bytes / 512 bytes

Tamanho E/S (mínimo/ótimo): 512 bytes / 512 bytes

- Perfeito, parece estar vazio. Vamos formatá-lo e criar uma única partição Linux ocupando a totalidade do espaço livre:

```
# fdisk /dev/sdb
```

Bem-vindo ao fdisk (util-linux 2.25.2).

As alterações permanecerão apenas na memória, até que você decida gravá-las.
Tenha cuidado antes de usar o comando de gravação.

A unidade não contém uma tabela de partição conhecida.

Created a new DOS disklabel with disk identifier 0x4fa0acac.

Comando (m para ajuda): o

Created a new DOS disklabel with disk identifier 0xb33d8f79.

Comando (m para ajuda): n

Tipo da partição

p primária (0 primárias, 0 estendidas, 4 livre)

e estendida (recipiente para partições lógicas)

Selecione (padrão p):

Usando resposta padrão p.

Número da partição (1-4, padrão 1):

Primeiro setor (2048-16777215, padrão 2048):

Último setor, +setores ou +tamanho{K,M,G,T,P} (2048-16777215, padrão 16777215):

Criada uma nova partição 1 do tipo "Linux" e de tamanho 8 GiB.

Comando (m para ajuda): t

Selecionou a partição 1

Código hexadecimal (digite L para listar todos os códigos): 83

O tipo da partição "Linux" foi alterado para "Linux".

Comando (m para ajuda): w

A tabela de partição foi alterada.

Chamando ioctl() para reler tabela de partição.

Sincronizando discos.

- Finalmente, vamos verificar se o procedimento produziu o resultado esperado:

```
# fdisk -l /dev/sdb
```

Disco /dev/sdb: 8 GiB, 8589934592 bytes, 16777216 setores

Unidades: setor de 1 * 512 = 512 bytes

Tamanho de setor (lógico/físico): 512 bytes / 512 bytes

Tamanho E/S (mínimo/ótimo): 512 bytes / 512 bytes

Tipo de rótulo do disco: dos

Identificador do disco: 0xb33d8f79

Device	Boot	Start	End	Sectors	Size	Id	Type
/dev/sdb1		2048	16777215	16775168	8G	83	Linux

2. Formate a partição com o sistema de arquivos **ext4**.

```
# mkfs.ext4 /dev/sdb1
mke2fs 1.42.12 (29-Aug-2014)
Creating filesystem with 2096896 4k blocks and 524288 inodes
Filesystem UUID: 2464c725-9356-4abb-8a9f-a2de3d64e7ac
Superblock backups stored on blocks:
    32768, 98304, 163840, 229376, 294912, 819200, 884736, 1605632

Allocating group tables: done
Writing inode tables: done
Creating journal (32768 blocks): done
Writing superblocks and filesystem accounting information: done
```

3. Crie um *mount point* chamado **/dados** e monte nele a nova partição.

```
# mkdir /dados
# mount -t ext4 /dev/sdb1 /dados
# mount | egrep '^/dev/sdb1'
/dev/sdb1 on /dados type ext4 (rw,relatime,data=ordered)
```

4. Qual a quantidade de espaço em disco que foi reservada para armazenar os dados dos *inodes*? E da partição em si?

Para calcular o espaço solicitado, o primeiro passo é descobrir quantos *inodes* foram criados, e qual o tamanho de cada um deles:

```
$ sudo tune2fs -l /dev/sdb1 | egrep -i 'inode count|inode size'
Inode count:          524288
Inode size:           256
```

Feito isso, basta multiplicar os dois valores e, opcionalmente, mostrar o resultado em um formato mais legível, já que o **tune2fs** mostra o tamanho dos *inodes* em bytes:

```
# s=( $(tune2fs -l /dev/sdb1 | egrep -i 'inode count|inode size' | awk '{print $3}') ); echo "$(( ${s[0]} * ${s[1]} / 1048576 )) MB"
128 MB
```

5. Cheque a partição criada com o comando apropriado. Que tipos de checagens foram realizados?

```
# umount /dev/sdb1
# e2fsck /dev/sdb1 -fv
e2fsck 1.42.12 (29-Aug-2014)
Pass 1: Checking inodes, blocks, and sizes
Pass 2: Checking directory structure
Pass 3: Checking directory connectivity
Pass 4: Checking reference counts
Pass 5: Checking group summary information

    11 inodes used (0.00%, out of 524288)
    0 non-contiguous files (0.0%)
    0 non-contiguous directories (0.0%)
    # of inodes with ind/dind/tind blocks: 0/0/0
    Extent depth histogram: 3
70287 blocks used (3.35%, out of 2096896)
    0 bad blocks
    1 large file

    0 regular files
    2 directories
    0 character device files
    0 block device files
    0 fifos
    0 links
    0 symbolic links (0 fast symbolic links)
    0 sockets

-----
    2 files
```

6. Tome as medidas necessárias para que essa partição seja montada toda vez que o sistema for reiniciado, e verifique se isso acontece de fato.

Deve-se inserir a linha abaixo ao final do arquivo `/etc/fstab`.

```
/dev/sdb1  /dados/  ext4  defaults,errors=remount-ro  0  2
```

Feito isso, reinicie o sistema e verifique a montagem do *filesystem*.

Atualmente, é muito comum sistemas Linux indicarem os *filesystems* no arquivo `/etc/fstab` através de seu UUID (*Universally Unique Identifier*), em lugar de nome de dispositivo, já que a ordem em que os discos são detectados pelo kernel não é determinística — em uma instância de *boot* um disco pode ser detectado como `/dev/sda`, e na próxima, como `/dev/sdb`. Para identificar a partição que acabamos de criar através do seu UUID, siga os passos abaixo:



```
# ls -l /dev/disk/by-uuid/ | egrep 'sdb1$' | awk '{print $9}'
2464c725-9356-4abb-8a9f-a2de3d64e7ac

# uuid="$(ls -l /dev/disk/by-uuid/ | egrep 'sdb1$' | awk '{print $9}')" ; echo "UUID=$uuid /dados ext4 defaults,errors=remount-ro 0 2" >> /etc/fstab

# egrep ' /dados ' /etc/fstab
UUID=2464c725-9356-4abb-8a9f-a2de3d64e7ac /dados ext4
defaults,errors=remount-ro 0 2
```

4) Trabalhando com o sistema de *quotas*

Em sistemas compartilhados por muitos usuários, a competição por espaço em disco costuma gerar conflitos que acabam prejudicando o desempenho do sistema e os próprios usuários, caso não haja controle de uso dos recursos. Neste exercício, veremos como habilitar e configurar o sistema de *quotas* do Linux.

1. Faça login com a conta do usuário `root`. Verifique se o sistema de *quotas* está instalado. Se ainda não estiver, execute a instalação.

Verifique se o pacote `quota` está instalado no sistema com o comando `dpkg -l | grep quota`. Caso não esteja, instale-o usando o `apt-get`:

```
# dpkg -l | grep ' quota '
# apt-get -y install quota quotatool
```

2. O próximo passo é habilitar o sistema de *quotas* para a partição raiz. Faça isso seguindo os procedimentos descritos na parte teórica dessa sessão de aprendizagem.

Insira no arquivo `/etc/fstab` o suporte à *quota* de disco na partição raiz com as opções apropriadas:

```
# grep ' / ' /etc/fstab | grep -v '^#'
UUID=6d035549-c33d-4f72-a751-1e7ddc602dbe / ext4 errors=remount-ro,usrquota,grpquota 0 1
```

Feito isso, reinicie o sistema e verifique se o suporte a *quotas* foi habilitado através do comando

mount:

```
# mount | egrep '^/dev/sda1'
/dev/sda1 on / type ext4 (rw,relatime,quota,usrquota,grpquota,errors=remount-
ro,data=ordered)
```

3. Crie uma conta de usuário para teste e configure o limite desse novo usuário para 200 MB, utilizando o comando `edquota`.

Primeiro, vamos criar o usuário. Em seguida, editar seu arquivo de *quota*:

```
# useradd -m pedro
# edquota -u pedro
```

O comando `edquota` irá invocar um editor (indicado pela variável de ambiente `$EDITOR`) para que as *quotas* sejam ajustadas. Vamos editar os campos *soft* e *hard* da seção *block* do arquivo — note que os valores devem ser informados em *kBytes*. Pode-se, opcionalmente, também setar um limite para *inodes* que o usuário pode criar.

```
Disk quotas for user pedro (uid 1005):
  Filesystem      blocks      soft      hard      inodes      soft
  hard
  /dev/sda1        16    100000    200000         4         0
  0
```

4. Saia do sistema e entre novamente como o usuário de teste que acaba de ser criado. Como pode ser verificado, a partir dessa conta, as *quotas* de uso de disco? E o espaço efetivamente utilizado?

```
# su - pedro

$ quota -u
Disk quotas for user pedro (uid 1005):
  Filesystem blocks quota limit grace files quota limit grace
  /dev/sda1   16 100000 200000         4     0     0
```

Na listagem acima, pode-se observar que o usuário `pedro` está utilizando 16 kB de espaço em disco, com um *soft limit* de 100 MB e um *hard limit* de 200 MB.

5. Crie dois arquivos no diretório, utilizando os comandos `cp` e `ln` (criando um link simbólico). Há diferença na forma como o espaço ocupado por esses dois arquivos é contabilizado no sistema de quotas?

```

$ pwd
/home/pedro

$ quota -u
Disk quotas for user pedro (uid 1005):
    Filesystem  blocks   quota  limit  grace  files   quota  limit  grace
    /dev/sda1    16  100000 200000         4         0      0

```

```

$ cp /boot/vmlinuz-3.16.0-6-amd64 ~
$ ls
vmlinuz-3.16.0-6-amd64
$ quota -u
Disk quotas for user pedro (uid 1005):
    Filesystem  blocks   quota  limit  grace  files   quota  limit  grace
    /dev/sda1   3116  100000 200000         5         0      0

```

```

$ ln -s /boot/vmlinuz-3.16.0-6-amd64 ~/kernel-link
$ ls
kernel-link  vmlinuz-3.16.0-6-amd64
$ quota -u
Disk quotas for user pedro (uid 1005):
    Filesystem  blocks   quota  limit  grace  files   quota  limit  grace
    /dev/sda1   3116  100000 200000         6         0      0

```

A forma de contabilização é diferente: o tamanho do link simbólico corresponde apenas ao tamanho em bytes do *path* completo até o arquivo apontado; já o arquivo criado com o comando **cp** possui o mesmo tamanho do arquivo original.

6. Como determinar se o sistema de *quotas* está habilitado na inicialização do sistema? E, se não estiver como habilitá-lo?

Em sistemas com o sistema de *init* **systemd**, como é o caso do Debian e da maioria das distribuições Linux atuais, podemos usar o comando **# systemctl is-enabled** para determinar o estado de um *daemon* durante a inicialização do sistema:

```

# systemctl is-enabled quota
enabled

```

Para desabilitar um serviço, basta usar a palavra-chave **disable**. Ao contrário, para habilitá-lo, utilize **enable**:

```
# systemctl disable quota
Synchronizing state for quota.service with SysVinit using update-rc.d...
Executing /usr/sbin/update-rc.d quota defaults
Executing /usr/sbin/update-rc.d quota disable
insserv: warning: current start runlevel(s) (empty) of script 'quota' overrides LSB
defaults (S).
insserv: warning: current stop runlevel(s) (0 6 S) of script 'quota' overrides LSB
defaults (0 6).
# systemctl is-enabled quota
disabled

# systemctl enable quota
Synchronizing state for quota.service with SysVinit using update-rc.d...
Executing /usr/sbin/update-rc.d quota defaults
insserv: warning: current start runlevel(s) (empty) of script 'quota' overrides LSB
defaults (S).
insserv: warning: current stop runlevel(s) (0 6 S) of script 'quota' overrides LSB
defaults (0 6).
Executing /usr/sbin/update-rc.d quota enable
# systemctl is-enabled quota
enabled
```

7. Teste a efetividade do sistema de *quotas*:

```
# su - pedro

$ quota -u
Disk quotas for user pedro (uid 1005):
      Filesystem blocks quota limit grace files quota limit grace
      /dev/sda1    20 100000 200000      5      0      0
$ du -sk /boot/vmlinuz-3.16.0-6-amd64
3100    /boot/vmlinuz-3.16.0-6-amd64

$ for i in {1..1000}; do cp /boot/vmlinuz-3.16.0-6-amd64 ~/kernel-$i; done
sda1: warning, user block quota exceeded.
sda1: write failed, user block limit reached.
cp: erro escrevendo "/home/pedro/kernel-65": Disk quota exceeded
```

Através do comando acima, o usuário **pedro** conseguiu copiar para seu diretório *home* a imagem do kernel Linux, copiada do **/boot** e com tamanho de 3100 kB, por 64 vezes até que o *hard limit* de *quota* fosse ativado, e novas cópias fossem desabilitadas.

8. Faça um *script* que defina o esquema de *quota* para todos os usuários do sistema baseado nas cotas de um usuário passado como parâmetro para esse *script*.

O *script shell* abaixo mostra um exemplo de solução para o problema proposto:

```
#!/bin/bash

if [[ $EUID -ne 0 ]]; then
    echo "  [*] Not root!" 1>&2
    exit 1
fi

for user in $( getent shadow | awk -F: '$2 != "*" && $2 !~ /^!/' { print $1 } ); do
    edquota -u ${user} -p $1
done
```

Note, no entanto, que apesar de o *script* acima ser minimamente funcional, há alguns parâmetros importantes que não sendo testados no momento:

- O usuário passado como parâmetro para o *script* existe?
- Está sendo removido o usuário `root` da lista de usuários para aplicação de `quota`?
- Está sendo removido o próprio usuário passado como parâmetro da lista de usuários para aplicação de `quota`?

A resposta para todos esses itens, evidentemente, é não. Poderíamos estender o script para fazer essas funções, mas no intuito de mostrar uma abordagem diferente para o problema, veja abaixo uma solução equivalente, mais completa, usando a linguagem Python:

```
#!/usr/bin/python

import os, sys, subprocess, pwd, spwd

if os.geteuid() != 0:
    exit(' Not root?')

if len(sys.argv) <= 1:
    exit(' Usage: ' + sys.argv[0] + ' TEMPLATE_USER')

try:
    pwd.getpwnam(sys.argv[1])
except KeyError:
    exit('No such \' + sys.argv[1] + \' user')

qusers = []

for user in pwd.getpwall():
    if user[0] == 'root' or user[0] == sys.argv[1]:
        continue

    phash = spwd.getspnam(user[0]).sp_pwd

    if phash != '*' and not phash.startswith('!'):
        qusers.append(user[0])

for user in qusers:
    subprocess.call(['edquota', '-u', user, '-p', sys.argv[1]])
```

O que você achou da solução acima? Mais fácil, mais difícil ou apenas diferente? Lembre-se, ao atuar como um administrador de redes e sistemas não se deve ficar preso a um único tipo de ferramenta ou solução, mas sim utilizar a melhor alternativa possível para resolver o problema.

Registro de eventos



Em algumas atividades, você trabalhará com a conta **root**, o que lhe dará todos os direitos sobre os recursos do sistema. Seja cauteloso antes de executar qualquer comando.

1) Registrando os eventos do kernel

1. Configure seu sistema de modo que os eventos gerados pelo kernel sejam registrados em um arquivo chamado **kernel.log**, no diretório **/var/log**.

```
# echo "kern.*      -/var/log/kernel.log" >> /etc/rsyslog.conf
# systemctl restart rsyslog.service

# cat /var/log/kernel.log
cat: /var/log/kernel.log: Arquivo ou diretório não encontrado
```

Mesmo após reiniciar o *daemon* **rsyslog**, o arquivo não será criado de imediato. Para testar o funcionamento da diretiva, precisamos gerar alguma mensagem para a *facility* apropriada:

```
# modprobe lp
# cat /var/log/kernel.log
Aug  9 11:15:45 cliente kernel: [ 447.128333] lp: driver loaded but no devices
found
```

2) Analisando os arquivos de log do sistema

Para esta atividade você terá que ter acesso **ssh** à máquina em que está configurando o sistema de logs para que você possa acompanhar, em tempo real, os registros gravados nos arquivos de log. Cada aluno deve executar os passos abaixo em seu próprio servidor.

1. Crie, em seu servidor, uma conta com senha para acesso via **ssh**.

```
# useradd -m aluno2
# passwd aluno2
Digite a nova senha UNIX:
Redigite a nova senha UNIX:
passwd: senha atualizada com sucesso
```

2. A partir de uma máquina remota faça o login no seu servidor utilizando a conta criada no passo anterior. Utilize o comando **tail** com a opção **-f** para verificar em tempo real os registros gerados pelo **syslog** no arquivo **/var/log/auth.log**.

No servidor, execute:

```
# tail -f -n0 /var/log/auth.log
```

De outra máquina, faça login via **ssh** no servidor com a conta criada anteriormente:

```
$ ssh aluno2@192.168.0.25
aluno2@192.168.0.25's password:

aluno2@cliente:~$
```

Monitore o que aconteceu no arquivo **/var/log/auth.log**:

```
# tail -f -n0 /var/log/auth.log
Aug  9 11:26:24 cliente sshd[1050]: Accepted password for aluno2 from 192.168.0.12
port 50325 ssh2
Aug  9 11:26:24 cliente sshd[1050]: pam_unix(sshd:session): session opened for user
aluno2 by (uid=0)
```

3. Faça um *script* que contabilize o número de tentativas de login mal sucedidas através do **ssh**, listando os IPs de origem e quantas tentativas foram feitas por cada IP.

O *script shell* abaixo mostra um exemplo de solução para o problema proposto:

```
#!/bin/bash

if [[ $EUID -ne 0 ]]; then
    echo "  [*] Not root!" 1>&2
    exit 1
fi

while read -r line; do
    s=( $( echo $line ) )
    echo -e "Host ${s[1]}: ${s[0]} failed logins"
done < <( grep "(sshd.auth): authentication failure.*rhost=" /var/log/auth.log |
awk '{print $14}' | cut -d'=' -f2 | sort -n | uniq -c )
```

3) Analisando os arquivos de log binários do sistema

Nesta atividade, você irá trabalhar com os arquivos de log binários armazenados no diretório **/var/log**.

1. Verifique quais foram os dois últimos usuários a efetuarem login em seu computador.

```
$ last | head -n2
aluno2 pts/1      192.168.0.12    Thu Aug  9 11:26 - 11:27 (00:01)
aluno  pts/0      192.168.0.12    Thu Aug  9 11:10   still logged in
```

2. Como você poderia verificar as contas existentes em seu computador que nunca efetuaram login?

```
$ lastlog | grep '**Nunca logou**' | sort
avahi-autoipd      **Nunca logou**
backup             **Nunca logou**
bin                **Nunca logou**
daemon             **Nunca logou**
Debian-exim        **Nunca logou**
funcionario        **Nunca logou**
games              **Nunca logou**
gnats              **Nunca logou**
irc                **Nunca logou**
list               **Nunca logou**
lp                 **Nunca logou**
mail               **Nunca logou**
man                **Nunca logou**
marcelo            **Nunca logou**
messagebus         **Nunca logou**
news               **Nunca logou**
nobody             **Nunca logou**
pedro              **Nunca logou**
proxy              **Nunca logou**
sshd               **Nunca logou**
statd              **Nunca logou**
sync               **Nunca logou**
sys                **Nunca logou**
systemd-bus-proxy  **Nunca logou**
systemd-network    **Nunca logou**
systemd-resolve    **Nunca logou**
systemd-timesync   **Nunca logou**
uucp               **Nunca logou**
www-data           **Nunca logou**

```

3. Qual a maneira mais fácil de identificar um login remoto efetuado em seu computador?

Através do comando `last`. A terceira coluna mostra o *host* de origem do login, seja ele local ou remoto:


```
$ last | head -n20 | grep -v '^reboot'
```

aluno2	pts/1	192.168.0.12	Thu Aug 9 11:26 - 11:27	(00:01)
aluno	pts/0	192.168.0.12	Thu Aug 9 11:10	still logged in
root	tty1		Thu Aug 9 03:25 - down	(00:00)
aluno	pts/0	192.168.0.12	Thu Aug 9 02:32 - 03:25	(00:53)
aluno	pts/0	192.168.0.12	Thu Aug 9 02:25 - down	(00:05)
aluno	pts/0	192.168.0.12	Thu Aug 9 01:47 - down	(00:37)
root	tty1		Wed Aug 8 19:05 - down	(00:00)
aluno	pts/0	192.168.0.12	Wed Aug 8 18:19 - 19:05	(00:46)
root	tty1		Tue Aug 7 18:18 - down	(00:00)
aluno	pts/0	192.168.0.12	Tue Aug 7 17:56 - 18:17	(00:21)
aluno	pts/1	192.168.0.12	Tue Aug 7 17:07 - 17:15	(00:07)
instruto	pts/1	localhost	Tue Aug 7 15:45 - 16:01	(00:15)
instruto	pts/1	localhost	Tue Aug 7 14:44 - 14:46	(00:01)
instruto	pts/1	localhost	Tue Aug 7 14:42 - 14:42	(00:00)
instruto	pts/1	localhost	Tue Aug 7 14:39 - 14:39	(00:00)

4. Faça um *script* que mostre o tempo total que cada usuário ficou logado no sistema utilizando as informações obtidas com o comando `last`.

O *script shell* abaixo mostra um exemplo de solução para o problema proposto:

```
#!/bin/bash

users=( $( last -w | egrep '(tty|pts)' | awk '{print $1}' | sort | uniq ) )

for user in "${users[@]}; do
    times=( $( last -w | egrep "^$user " | egrep '(tty|pts)' | egrep -v 'still logged in *$' | sed 's/ *$//' | awk -F '[:()]' '{printf "%s:%s\n", $(NF-2), $(NF-1)}' ) )
)

h=0
m=0
for time in "${times[@]}; do
    s=( $( echo $time | tr ':' ' ' ) )
    ((h+=${s[0]}))
    ((m+=${s[1]}))
done

mh=$(( $m / 60 ))
mr=$(( $m % 60 ))
((h+= $mh))

echo "User \"$user\" logged time: $h hours, $mr minutes"
done
```

4) Servidor de log remoto

1. Este exercício deve ser feito utilizando duas máquinas virtuais Linux. Configure na máquina virtual *Server_Linux* um servidor de logs; posteriormente, configure a máquina virtual *Client_Linux* para enviar os registros dos eventos gerados para esse servidor de logs.

Na máquina *Server_Linux*, edite o arquivo `/etc/rsyslog.conf` e descomente as linhas que se seguem. Em seguida, reinicie o serviço do `rsyslog`.

```
# grep -A1 'imudp' /etc/rsyslog.conf
$ModLoad imudp
$UDPServerRun 514

# systemctl restart rsyslog.service
```

Na máquina *Client_Linux*, configure o envio de logs para o servidor remoto editando o arquivo `/etc/rsyslog.conf` e inserindo a linha que se segue ao final do arquivo, substituindo o endereço IP `192.168.0.10` pelo IP da máquina *Server_Linux*. Em seguida, reinicie o serviço do `rsyslog`.

```
# tail -n1 /etc/rsyslog.conf
*.*                                @192.168.0.10

# systemctl restart rsyslog.service
```

2. Após terminar a configuração, efetue um login na máquina *Client_Linux* em um terminal qualquer e verifique onde foi registrado esse evento no servidor de logs *Server_Linux*.

Tendo em vista que o evento gerado na máquina *Client_Linux* será de login, o registro deverá ser enviado para o arquivo onde eventos de autenticação são enviados, na *facility* `authpriv`:

```
# grep '^auth,authpriv' /etc/rsyslog.conf
auth,authpriv.*                /var/log/auth.log
```

Sabendo que o arquivo a ser monitorado é o `/var/log/auth.log`, usaremos o comando `tail` para fazê-lo:

```
# tail -f -n0 /var/log/auth.log
```

Após gerar um evento de login via `ssh` na máquina *Client_Linux*, imediatamente a mesma mensagem aparece replicada nos logs da máquina *Server_Linux*:

```
# tail -f -n0 /var/log/auth.log
Aug 9 15:18:07 cliente sshd[3285]: Accepted password for aluno from 192.168.0.12
port 50854 ssh2
Aug 9 15:18:07 cliente sshd[3285]: pam_unix(sshd:session): session opened for user
aluno by (uid=0)
```

Evidentemente, é muito confuso ter todas as mensagens de log de uma máquina remota sendo colocadas nos mesmos arquivos que registram os eventos do servidor local. Para tratar esses logs com mais clareza, é interessante separar os logs de cada *host* remoto em seus próprios arquivos e pastas para facilitar o processamento e entendimento. A seguinte configuração pode ser útil para atingir esse objetivo.

Primeiro, note que o **rsyslog** inclui arquivos customizados pelo usuário terminados com a extensão **.conf** no diretório **/etc/rsyslog.d**:

```
# grep '^$IncludeConfig' /etc/rsyslog.conf
$IncludeConfig /etc/rsyslog.d/*.conf
```



Vamos criar um arquivo novo nessa pasta, **/etc/rsyslog.d/client_linux.conf**, indicando um arquivo específico para envio dos logs da máquina *Client_Linux*, e evitar a escrita desses registros em qualquer outro arquivo local (palavra-chave **stop**). Feito isso, basta reiniciar o *daemon* **rsyslog**. Veja abaixo o conteúdo desse arquivo:

```
if $fromhost-ip == '192.168.0.25' then /var/log/client_linux.log
& stop
```

Pronto! Agora, novos eventos gerados pela máquina *Client_Linux* serão enviados exclusivamente para o arquivo **/var/log/client_linux.log**, sem se misturar com os eventos locais do servidor de logs.

```
# tail -f -n0 /var/log/client_linux.log
Aug 9 15:34:33 cliente sshd[3340]: Accepted password for aluno from
192.168.0.12 port 50902 ssh2
Aug 9 15:34:33 cliente sshd[3340]: pam_unix(sshd:session): session
opened for user aluno by (uid=0)
```

3. Cite três vantagens obtidas com o uso de um servidor de logs.

- Facilita o gerenciamento dos arquivos de log, já que estão centralizados em um único servidor.
- Aumenta a segurança no armazenamento dos arquivos de log, pois o servidor pode estar em outra rede, com regras diferenciadas, dificultando o acesso de possíveis invasores.

- Facilita o backup dos arquivos de log.

5) Utilizando o logger

Nesta atividade, você irá verificar uma funcionalidade importante do comando **logger**.

1. Na máquina *Server_Linux*, inclua uma nova regra no arquivo **/etc/rsyslog.conf**, de modo que qualquer evento gerado pelo daemon **cron** seja registrado no arquivo **/var/log/cron.log**.

```
# tail -n1 /etc/rsyslog.conf
cron.*                /var/log/cron.log

# systemctl restart rsyslog.service
```

2. Utilize o comando **logger** para testar se a alteração feita no passo anterior produziu o efeito esperado.

```
# logger -p cron.info "teste"

# tail /var/log/cron.log
Aug  9 15:52:26 servidor aluno: teste
```

6) Rotacionando arquivos de log do sistema

Nesta atividade, você irá configurar o rotacionamento dos arquivos de log de seu computador.

1. Realize o rotacionamento mensal do arquivo recém-criado **/var/log/cron.log**, mantendo uma cópia dos dois últimos arquivos compactados e criando, automaticamente, um novo arquivo vazio após o rotacionamento.

No arquivo **/etc/logrotate.conf** estão as configurações globais para o rotacionamento dos arquivos de log. Ao configurar o rotacionamento de um arquivo ou um grupo de logs podemos editar diretamente esse arquivo ou, opcionalmente, incluir novas configurações dentro do diretório **/etc/logrotate.d**.

```
# grep '^include' /etc/logrotate.conf
include /etc/logrotate.d

# ls /etc/logrotate.d/
apt  aptitude  dpkg  exim4-base  exim4-paniclog  iptraf  rsyslog
```

Vamos criar um arquivo **/etc/logrotate.d/cron** para configurar os aspectos de rotacionamento de logs desse arquivo de acordo com os parâmetro especificados no exercício, com o seguinte conteúdo:

```
/var/log/cron.log
{
    rotate 2
    monthly
    missingok
    notifempty
    delaycompress
    compress
    create 640 root adm
    postrotate
        systemctl reload cron.service > /dev/null
    endscrip
}
```

7) Aplicativos para análise de arquivos de log

1. Na máquina *Server_Linux*, instale o pacote **logwatch** através do comando **apt-get** e configure-o para enviar um relatório diário do sistema para o usuário **root**. Um exemplo do arquivo de configuração está disponível em **/usr/share/logwatch/default.conf/logwatch.conf**.

Primeiro, vamos instalar o pacote:

```
# apt-get install logwatch
```

A seguir, vamos copiar o modelo do arquivo de configuração em **/usr/share/logwatch/default.conf/logwatch.conf** para o diretório **/etc/logwatch/conf**:

```
# cp /usr/share/logwatch/default.conf/logwatch.conf /etc/logwatch/conf/
```

Edite o arquivo para que o período e opções de envio fiquem de acordo com o solicitado pela atividade. Abaixo mostramos o conteúdo do arquivo **/etc/logwatch/conf/logwatch.conf**, excluindo as linhas de comentário:

```
LogDir = /var/log
TmpDir = /var/cache/logwatch
Output = mail
Format = text
Encode = none
MailTo = root
MailFrom = Logwatch
Range = All
Detail = Low
Service = All
mailer = "/usr/sbin/sendmail -t"
```

Lembre-se de criar o diretório `/var/cache/logwatch`, que ainda não existe:

```
# mkdir /var/cache/logwatch
```

Finalmente, observe que por padrão o Debian já habilita a execução diária do `logwatch` através de um *script* instalado pelo próprio pacote no diretório `/etc/cron.daily`:

```
# ls /etc/cron.daily/ | grep 'logwatch'
00logwatch

# cat /etc/cron.daily/00logwatch | grep -v '^#' | sed '/^$/d'
test -x /usr/share/logwatch/scripts/logwatch.pl || exit 0
/usr/sbin/logwatch --output mail
```

2. Ainda na máquina *Server_Linux*, crie uma regra para o `swatch` que envie um e-mail de notificação ao administrador quando alguma tentativa de login via `ssh`, ou `su` para o usuário `root`, falharem.

Primeiro, vamos instalar o `swatch` via `apt-get`:

```
# apt-get install swatch
```

A configuração do `swatch` é um tanto quanto arcana, mas a página de manual do programa (`$ man 1p swatch`) nos dá algum direcionamento através da seção *CONFIGURATION EXAMPLE*. Um dos requisitos é criar um arquivo de configuração com a expressão regular que casa com o erro de autenticação do daemon do `sshd`. Primeiro, precisamos conhecer o formato da mensagem:

```
Aug  9 16:39:56 servidor sshd[4113]: Failed password for aluno from 192.168.0.12
port 51230 ssh2
```

Outro ponto de atenção é a tentativa de `su` para o usuário `root` com falha, possivelmente por senha incorreta. Vamos verificar o formato da mensagem de log:

```
Aug  9 16:46:29 servidor su[4175]: FAILED su for root by aluno
```

Sabendo os formatos objetivados, vamos agora elaborar expressões regulares que casem com os padrões acima, extraíam informação relevante, e executem uma ação apropriada — enviar e-mail de notificação ao usuário `root` em caso de violação desses padrões. Abaixo mostramos o conteúdo do arquivo `/etc/swatch.conf`:

```
watchfor /^(*sshdc[[0-9]*\\]: Failed password for [A-Za-z0-9]* from ([0-9:~]*).*)/
exec "echo '$1' | mail root -s '[swatch][ssh]:\ $2' "
echo

watchfor /^(*suc[[0-9]*\\]: FAILED su for root by ([A-Za-z0-9]*))/
exec "echo '$1' | mail root -s '[swatch][su]:\ $2' "
echo
```

Vamos rodar o **swatch** manualmente e testar se os padrões estão sendo capturados. Serão realizadas duas ações de violação — um login **ssh** com senha incorreta e uma tentativa de **su** para **root** com senha incorreta.

```
# swatch --tail-file=/var/log/auth.log --config-file=/etc/swatch.conf --pid
-file=/var/run/swatch.pid

*** swatch version 3.2.3 (pid:5011) started at Qui Ago  9 17:29:51 -03 2018

Aug  9 17:32:35 servidor sshd[5093]: Failed password for aluno from 192.168.0.12
port 51460 ssh2
Aug  9 17:32:43 servidor su[5117]: FAILED su for root by aluno
```

Aparentemente, tudo funcionou. Vamos verificar se os e-mails estão sendo de fato enviados:

```
$ mail
Mail version 8.1.2 01/15/2001. Type ? for help.
"/var/mail/aluno": 2 messages 2 new
>N 1 root@servidor.emp Thu Aug 09 17:32 16/705 [swatch][ssh]: 192.168.0.12
  N 2 root@servidor.emp Thu Aug 09 17:32 16/663 [swatch][su]: aluno
& 1
Message 1:
From root@servidor.empresa.com.br Thu Aug 09 17:32:35 2018
Envelope-to: root@servidor.empresa.com.br
Delivery-date: Thu, 09 Aug 2018 17:32:35 -0300
To: root@servidor.empresa.com.br
Subject: [swatch][ssh]: 192.168.0.12
From: root <root@servidor.empresa.com.br>
Date: Thu, 09 Aug 2018 17:32:35 -0300

Aug 9 17:32:35 servidor sshd[5093]: Failed password for aluno from 192.168.0.12
port 51460 ssh2

& 2
Message 2:
From root@servidor.empresa.com.br Thu Aug 09 17:32:43 2018
Envelope-to: root@servidor.empresa.com.br
Delivery-date: Thu, 09 Aug 2018 17:32:43 -0300
To: root@servidor.empresa.com.br
Subject: [swatch][su]: aluno
From: root <root@servidor.empresa.com.br>
Date: Thu, 09 Aug 2018 17:32:43 -0300

Aug 9 17:32:43 servidor su[5117]: FAILED su for root by aluno
```

Excelente! Para que o **swatch** não tenha que ser iniciado manualmente, e continue operando mesmo após o reinício do sistema, é necessário que ele possua um *initscript* correspondente. Infelizmente, a versão instalada pelo apt-get não disponibiliza tal facilidade nem em formato legado (no diretório **/etc/init.d**) nem em arquivo de serviço para o **systemd** (que ficam no diretório **/etc/systemd/system**).

Felizmente, é relativamente fácil criar um arquivo de serviço para o **systemd** manualmente. Abaixo mostramos o conteúdo do arquivo **/etc/systemd/system/swatch.service**:


```
[Unit]
Description=Swatch Log Monitoring Daemon
After=syslog.target network.target auditd.service sshd.service

[Service]
ExecStart=/usr/bin/swatch --config-file=/etc/swatch.conf --tail-file
=/var/log/auth.log --pid-file=/var/run/swatch.pid --daemon
ExecStop=/bin/kill -s KILL $(cat /var/run/swatch.pid)
Type=forking
PIDFile=/var/run/swatch.pid

[Install]
WantedBy=multi-user.target
```

Uma vez criado, deve-se instruir o **systemd** a carregar o arquivo:

```
# systemctl daemon-reload
```

Pronto! Agora é possível habilitar/desabilitar o **swatch** durante o *boot* do sistema, e iniciar/parar/reiniciar e verificar o estado do serviço normalmente:

```
# systemctl enable swatch.service
Created symlink from /etc/systemd/system/multi-user.target.wants/swatch.service to
/etc/systemd/system/swatch.service.

# systemctl is-enabled swatch.service
enabled

# systemctl start swatch.service

# systemctl status swatch.service
● swatch.service - Swatch Log Monitoring Daemon
   Loaded: loaded (/etc/systemd/system/swatch.service; enabled)
   Active: active (running) since Qui 2018-08-09 17:37:57 -03; 4s ago
   Process: 5216 ExecStart=/usr/bin/swatch --config-file=/etc/swatch.conf --tail
-file=/var/log/auth.log --pid-file=/var/run/swatch.pid --daemon (code=exited,
status=0/SUCCESS)
   Main PID: 5218 (/usr/bin/swatch)
   CGroup: /system.slice/swatch.service
           └─5218 /usr/bin/swatch --config-file=/etc/swatch.conf --tail
-file=/var/log/auth...
               └─5219 /usr/bin/tail -n 0 -F /var/log/auth.log

Ago 09 17:37:57 servidor systemd[1]: Starting Swatch Log Monitoring Daemon...
Ago 09 17:37:57 servidor systemd[1]: PID file /var/run/swatch.pid not readable
(yet?) a...rt.
Ago 09 17:37:57 servidor systemd[1]: Started Swatch Log Monitoring Daemon.
Hint: Some lines were ellipsized, use -l to show in full.
```

3. Ainda na máquina *Server_Linux*, habilite o **logcheck** para enviar relatórios ao usuário **root** de 30 em 30 minutos (ex: 1:00, 1:30, etc.).

Primeiro, vamos instalar o **logcheck** via **apt-get**:

```
# apt-get install logcheck
```

O **logcheck** já vem com envio de e-mails habilitado por padrão, então a única configuração necessária é alterar a periodicidade de envio de relatórios. O arquivo **/etc/cron.d/logcheck** vem configurado para envios de hora em hora. Edite a linha:

```
2 * * * *      logcheck    if [ -x /usr/sbin/logcheck ]; then nice -n10
/usr/sbin/logcheck; fi
```

Alterando-a para:

```
0,30 * * * *   logcheck    if [ -x /usr/sbin/logcheck ]; then nice -n10
/usr/sbin/logcheck; fi
```

O **logcheck** fará um *scan* dos logs de sistema e enviará por e-mail linhas consideradas "interessantes" — note que o programa envia apenas os registros ocorridos desde a sua última execução.

8) Recomendações básicas de segurança

1. O que você faria para aumentar o nível de segurança em um servidor de logs centralizado? Cite duas opções.
 - Desabilitar o serviço **sshd** no servidor de logs, permitindo acesso somente pela console.
 - Configurar o firewall de *host* para permitir apenas tráfego de pacotes UDP na porta 514.
 - Utilizar uma rede isolada para a troca de mensagens de log.
 - Desinstalar todos os serviços que não estão sendo utilizados ou são desnecessários à função do servidor.
 - Manter o sistema operacional rigorosamente atualizado.

Segurança básica e procedimentos operacionais

1) Identificando senhas fracas

Uma das formas de verificar se o seu sistema atende às recomendações básicas de segurança é utilizar os programas "quebradores" de senha, ou *password crackers*. Neste exercício, utilizaremos um desses programas para mostrar seu funcionamento.

1. Obtenha e instale o *password cracker* John the Ripper, ou simplesmente **john**.

```
# apt-get install john
```

2. Crie o arquivo **/root/dicionario.txt** com uma lista de senhas. Caso considere necessário, acrescente palavras que julgue impróprias para uso em senhas. Por exemplo:

```
123456
1234
rnpesr
senha
abacate
```

3. Rode o *password cracker* com o comando **# john -wordlist=/root/dicionario.txt -rules /etc/shadow**.

```
# john -wordlist=/root/dicionario.txt -rules /etc/shadow
Created directory: /root/.john
Loaded 5 password hashes with 5 different salts (crypt, generic crypt(3) [?/64])
Press 'q' or Ctrl-C to abort, almost any other key for status
123456          (aluno2)
senha          (marcelo)
abacate        (aluno3)
rnpesr         (root)
rnpesr         (aluno)
5g 0:00:00:01 100% 3.676g/s 70.58p/s 352.9c/s 352.9C/s 123456..Abacate9
Use the "--show" option to display all of the cracked passwords reliably
Session completed
```

4. Veja o resultado da verificação com o comando **# john --show /etc/shadow**.

```
# john -show /etc/shadow
root:rnpesr:16842:0:99999:7:::
aluno:rnpesr:16842:0:99999:7:::
aluno2:123456:17752:0:99999:7:::
marcelo:senha:17752:0:99999:7:::
aluno3:abacate:17752:0:99999:7:::
```

5 password hashes cracked, 0 left

2) Descobrindo a funcionalidade do bit SGID em diretórios

A utilidade do SUID e SGID foi vista desde a sessão de aprendizagem 1. Execute a sequência de comandos e depois responda as seguintes perguntas:

1. Crie o grupo **corp** e defina-o como grupo secundário do seu usuário.

```
# groupadd corp
# usermod -a -G corp aluno
# groups aluno
aluno : aluno cdrom floppy sudo audio dip video plugdev netdev bluetooth corp
```

2. Entre no sistema a partir da sua conta e crie um diretório chamado **dir_corp**.

```
$ mkdir dir_corp
$ ls
dir_corp
```

3. Verifique a qual grupo pertence o diretório criado no passo acima. Modifique-o para que passe a pertencer ao grupo **corp** e mude a sua permissão para **2755**.

```
$ chgrp corp ~/dir_corp/
$ chmod 2755 ~/dir_corp/
$ ls -ld dir_corp/
drwxr-sr-x 2 aluno corp 4096 Ago  9 19:15 dir_corp/
```

4. Crie, no seu diretório *home* um arquivo chamado **arq1**. Em seguida, mude para o diretório criado no segundo item e crie um arquivo chamado **arq2**.

```
$ pwd
/home/aluno
$ touch arq1
$ touch dir_corp/arq2
```

5. Verifique os grupos aos quais pertencem os arquivos criados no item anterior. Você saberia explicar por que os arquivos pertencem a grupos distintos, embora tenham sido criados pelo mesmo usuário?

```
$ ls -ld arq1
-rw-r--r-- 1 aluno aluno 0 Ago  9 19:19 arq1
$ ls -ld dir_corp/arq2
-rw-r--r-- 1 aluno corp 0 Ago  9 19:19 dir_corp/arq2
```

O arquivo criado no diretório `/home/aluno/dir_corp/` possui o mesmo grupo dono de seu diretório-pai, pois o mesmo está com o bit SGID definido — isso faz com que qualquer arquivo criado dentro dele tenha o mesmo grupo dono que o próprio diretório, independente do usuário que o tenha criado. Já o arquivo criado no diretório `/home/aluno/` tem o mesmo grupo primário do usuário que o criou, já que este diretório não tem o bit SGID definido.

6. Quais as vantagens desse esquema?

Esse recurso é útil em diretórios compartilhados, nos quais diversos usuários criam arquivos que precisam ter permissão de escrita e/ou leitura para todos os usuários do grupo do diretório.

3) Obtendo informações sobre os recursos computacionais

1. Vimos, no texto teórico, que uma das importantes funções de um administrador de sistemas é acompanhar o uso dos recursos computacionais de sua instituição. Discuta com o seu colega quais comandos vistos em todo o módulo podem auxiliar na coleta desse tipo de informação.

Diversos comandos podem ser utilizados para verificar o uso dos recursos computacionais, dentre os quais podemos destacar: `df`, `du`, `ps`, `top`, `htop`, `free`, `vmstat`, `iostat`, `lsof`, etc.

4) Controlando os recursos dos usuários

Um dos grandes desafios de um administrador de sistema, nos tempos atuais, é controlar a ocupação do espaço em disco do seu sistema — aplicações do tipo P2P (*peer-to-peer*), por exemplo, são consumidoras vorazes desse tipo de recurso.

1. Que medidas podem ser tomadas para controlar a ocupação de disco de forma automática?

A instalação e configuração de *quotas* de disco para usuários é uma excelente maneira de implementar controles nesse sentido.

DNS e NFS

Nestas atividades, você deve trabalhar com duas máquinas virtuais (*Server_Linux* e *Client_Linux*). Ambas devem estar na mesma rede. Como regra, o endereço 192.168.0.10 será o da máquina *Server_Linux*, e o endereço 192.168.0.20 será o da máquina *Client_Linux*. Teste o funcionamento da rede através do comando `ping` antes de prosseguir com os exercícios.

1) Servidor de DNS Primário



Esta configuração será realizada na máquina virtual *Server_Linux*.

Considerando a rede 192.168.0.0/24, cujo domínio é `empresa.com.br`, configure o servidor de DNS Primário de modo que ele tenha as seguintes máquinas registradas, com tipos de registro associados:

Table 1. Configuração DNS

Nome	Endereço IP	Tipo de registro
<code>servidor.empresa.com.br</code>	192.168.0.10	NS
<code>email.empresa.com.br</code>	192.168.0.15	MX
<code>cliente.empresa.com.br</code>	192.168.0.20	A
<code>windows.empresa.com.br</code>	192.168.0.25	A
<code>www.empresa.com.br</code>	192.168.0.10	CNAME
<code>meusite.empresa.com.br</code>	192.168.0.10	CNAME
<code>pop.empresa.com.br</code>	192.168.0.15	CNAME
<code>smtp.empresa.com.br</code>	192.168.0.15	CNAME

Não se esqueça de configurar a resolução de nomes reversa.

1. Instale os seguintes aplicativos:

```
# apt-get install bind9 bind9utils
```

2. Ajuste os arquivos de configuração da seguinte forma:

- `/etc/bind/named.conf.options` — opções do servidor `bind`:

```

options {
    directory "/var/cache/bind";

    forwarders {
        8.8.8.8;
        8.8.4.4;
    };

    dnssec-validation auto;
    auth-nxdomain no;

    allow-transfer { none; };
    allow-query { internals; };
    allow-recursion { internals; };

    listen-on { 127.0.0.1; 192.168.0.10; };
    listen-on-v6 { none; };

    version none;
};

```

- `/etc/bind/named.conf.local` — configurações locais do servidor `bind`:

```

acl internals { 127.0.0.0/8; 192.168.0.0/24; };

zone "empresa.com.br" {
    type master;
    file "/etc/bind/db.empresa.com.br";
};

zone "0.168.192.in-addr.arpa" {
    type master;
    file "/etc/bind/db.0.168.192";
};

include "/etc/bind/zones.rfc1918";

```

- `/etc/bind/db.empresa.com.br` — arquivo de zona do domínio `empresa.com.br`:


```

$TTL 86400 ; (1 day)
$ORIGIN empresa.com.br.
@      IN      SOA      servidor.empresa.com.br. admin.empresa.com.br. (
                                2018080900 ;Serial (YYYYMMDDnn)
                                14400      ;Refresh (4 hours)
                                1800       ;Retry (30 minutes)
                                1209600    ;Expire (2 weeks)
                                3600       ;Negative Cache TTL (1 hour)
)

@      IN      NS       servidor.empresa.com.br.

@      IN      MX       10  email.empresa.com.br.

servidor IN  A          192.168.0.10
email    IN  A          192.168.0.15
cliente  IN  A          192.168.0.20
windows  IN  A          192.168.0.25

www      IN  CNAME      servidor
meusite  IN  CNAME      servidor
pop      IN  CNAME      email
smtp     IN  CNAME      email

```

- `/etc/bind/db.0.168.192` — arquivo de resolução reversa do domínio `empresa.com.br`:

```

$TTL 86400 ; (1 day)
$ORIGIN 0.168.192.in-addr.arpa.
@      IN      SOA      servidor.empresa.com.br. admin.empresa.com.br. (
                                2018080900 ;Serial (YYYYMMDDnn)
                                14400      ;Refresh (4 hours)
                                1800       ;Retry (30 minutes)
                                1209600    ;Expire (2 weeks)
                                3600       ;Negative Cache TTL (1 hour)
)

@      IN      NS       servidor.empresa.com.br.

@      IN      MX       10  email.empresa.com.br.

10     IN      PTR      servidor.empresa.com.br.
15     IN      PTR      email.empresa.com.br.
20     IN      PTR      cliente.empresa.com.br.
25     IN      PTR      windows.empresa.com.br.

```

- `/etc/resolv.conf` — configuração de resolução de nomes para o *Server_Linux*:

```
domain empresa.com.br
search empresa.com.br
nameserver 127.0.0.1
```

3. Reinicie o **bind** e verifique por possíveis erros:

```
# systemctl restart bind9.service

# systemctl status bind9.service
● bind9.service - BIND Domain Name Server
   Loaded: loaded (/lib/systemd/system/bind9.service; enabled)
   Drop-In: /run/systemd/generator/bind9.service.d
            └─50-insserv.conf-$named.conf
   Active: active (running) since Qui 2018-08-09 21:23:48 -03; 5s ago
     Docs: man:named(8)
  Process: 14402 ExecStop=/usr/sbin/rndc stop (code=exited, status=0/SUCCESS)
 Main PID: 14406 (named)
    CGroup: /system.slice/bind9.service
            └─14406 /usr/sbin/named -f -u bind

Ago 09 21:23:48 servidor named[14406]: zone 22.172.in-addr.arpa/IN: loaded serial 1
Ago 09 21:23:48 servidor named[14406]: zone 16.172.in-addr.arpa/IN: loaded serial 1
Ago 09 21:23:48 servidor named[14406]: zone 27.172.in-addr.arpa/IN: loaded serial 1
Ago 09 21:23:48 servidor named[14406]: zone 127.in-addr.arpa/IN: loaded serial 1
Ago 09 21:23:48 servidor named[14406]: zone 26.172.in-addr.arpa/IN: loaded serial 1
Ago 09 21:23:48 servidor named[14406]: zone 25.172.in-addr.arpa/IN: loaded serial 1
Ago 09 21:23:48 servidor named[14406]: zone localhost/IN: loaded serial 2
Ago 09 21:23:48 servidor named[14406]: zone 28.172.in-addr.arpa/IN: loaded serial 1
Ago 09 21:23:48 servidor named[14406]: all zones loaded
Ago 09 21:23:48 servidor named[14406]: running
```

4. Teste os registros com o uso das ferramentas **nslookup** e **dig**:

```
# nslookup servidor.empresa.com.br
Server:          127.0.0.1
Address:         127.0.0.1#53

Name:   servidor.empresa.com.br
Address: 192.168.0.10

# dig -x 192.168.0.25 +noquestion

; <<>> DiG 9.9.5-9+deb8u15-Debian <<>> -x 192.168.0.25 +noquestion
;; global options: +cmd
;; Got answer:
;; ->>HEADER<<- opcode: QUERY, status: NOERROR, id: 5625
;; flags: qr aa rd ra; QUERY: 1, ANSWER: 1, AUTHORITY: 1, ADDITIONAL: 2

;; OPT PSEUDOSECTION:
; EDNS: version: 0, flags:; udp: 4096
;; ANSWER SECTION:
25.0.168.192.in-addr.arpa. 86400 IN      PTR      windows.empresa.com.br.

;; AUTHORITY SECTION:
0.168.192.in-addr.arpa. 86400  IN      NS       servidor.empresa.com.br.

;; ADDITIONAL SECTION:
servidor.empresa.com.br. 86400  IN      A        192.168.0.10

;; Query time: 3 msec
;; SERVER: 127.0.0.1#53(127.0.0.1)
;; WHEN: Thu Aug 09 21:26:41 -03 2018
;; MSG SIZE rcvd: 129
```

2) Servidor de DNS Secundário



Esta configuração será realizada na máquina virtual *Client_Linux*.

Configure o servidor de DNS Secundário para o domínio **empresa.com.br**. Importante:

- Não se esqueça de informar o endereço IP do servidor secundário no parâmetro **allow-transfer** do servidor primário.
 - Os arquivos de zona que forem transferidos devem ser gravados no diretório **/etc/bind/sec** do servidor secundário já que o *daemon* executa como usuário **bind**, que não tem permissão de escrita direta no diretório **/etc/bind**.
1. Antes de mais nada, configure o *Server_Linux* para permitir transferência de zona a partir do servidor secundário *Client_Linux*:

```
# egrep '^ *allow-transfer' /etc/bind/named.conf.options
allow-transfer { 192.168.0.20; };

# systemctl restart bind9.service
```

2. A seguir, instale o servidor DNS **bind** na máquina *Client_Linux*:

```
# apt-get install bind9 bind9utils
```

3. Ajuste os arquivos de configuração da seguinte forma:

- **/etc/bind/named.conf.options** — opções do servidor **bind**:

```
options {
    directory "/var/cache/bind";

    forwarders {
        192.168.0.10;
    };

    dnssec-validation auto;
    auth-nxdomain no;

    allow-transfer { none; };
    allow-query { internals; };
    allow-recursion { internals; };

    listen-on { 127.0.0.1; 192.168.0.20; };
    listen-on-v6 { none; };

    version none;
};
```

- **/etc/bind/named.conf.local** — configurações locais do servidor **bind**:

```
acl internals { 127.0.0.0/8; 192.168.0.0/24; };

zone "empresa.com.br" {
    type slave;
    file "/etc/bind/sec/db.empresa.com.br";
    masters { 192.168.0.10; };
};

zone "0.168.192.in-addr.arpa" {
    type slave;
    file "/etc/bind/sec/db.0.168.192";
    masters { 192.168.0.10; };
};

include "/etc/bind/zones.rfc1918";
```

- `/etc/resolv.conf` — configuração de resolução de nomes para o *Client_Linux*:

```
domain empresa.com.br
search empresa.com.br
nameserver 127.0.0.1
```

4. Observe que iremos escrever os arquivos transferidos no diretório `/etc/bind/sec`, que ainda não existe. Vamos criá-lo e atribuir permissionamento:

```
# mkdir /etc/bind/sec
# chown bind.root /etc/bind/sec
```

5. Reinicie o `bind` e verifique se os arquivos de zona foram transferidos corretamente:

```
# systemctl restart bind9.service

# systemctl status bind9.service -l
● bind9.service - BIND Domain Name Server
   Loaded: loaded (/lib/systemd/system/bind9.service; enabled)
   Drop-In: /run/systemd/generator/bind9.service.d
            └─50-insserv.conf-$named.conf
   Active: active (running) since Qui 2018-08-09 21:41:27 -03; 2s ago
     Docs: man:named(8)
  Process: 5549 ExecStop=/usr/sbin/rndc stop (code=exited, status=0/SUCCESS)
 Main PID: 5553 (named)
    CGroup: /system.slice/bind9.service
            └─5553 /usr/sbin/named -f -u bind

Ago 09 21:41:27 cliente named[5553]: all zones loaded
Ago 09 21:41:27 cliente named[5553]: running
Ago 09 21:41:27 cliente named[5553]: zone empresa.com.br/IN: Transfer started.
Ago 09 21:41:27 cliente named[5553]: transfer of 'empresa.com.br/IN' from
192.168.0.10#53: connected using 192.168.0.20#48366
Ago 09 21:41:27 cliente named[5553]: zone empresa.com.br/IN: transferred serial
2018080900
Ago 09 21:41:27 cliente named[5553]: transfer of 'empresa.com.br/IN' from
192.168.0.10#53: Transfer completed: 1 messages, 12 records, 312 bytes, 0.001 secs
(312000 bytes/sec)
Ago 09 21:41:28 cliente named[5553]: zone 0.168.192.in-addr.arpa/IN: Transfer
started.
Ago 09 21:41:28 cliente named[5553]: transfer of '0.168.192.in-addr.arpa/IN' from
192.168.0.10#53: connected using 192.168.0.20#35160
Ago 09 21:41:28 cliente named[5553]: zone 0.168.192.in-addr.arpa/IN: transferred
serial 2018080900
Ago 09 21:41:28 cliente named[5553]: transfer of '0.168.192.in-addr.arpa/IN' from
192.168.0.10#53: Transfer completed: 1 messages, 8 records, 261 bytes, 0.001 secs
(261000 bytes/sec)

# ls -lh /etc/bind/sec/
total 8,0K
-rw-r--r-- 1 bind bind 569 Ago  9 21:41 db.0.168.192
-rw-r--r-- 1 bind bind 720 Ago  9 21:41 db.empresa.com.br
```

6. Finalmente, teste a resolução de nomes no servidor secundário:

```
# nslookup pop.empresa.com.br 192.168.0.20
Server:      192.168.0.20
Address:     192.168.0.20#53

pop.empresa.com.br      canonical name = email.empresa.com.br.
Name:   email.empresa.com.br
Address: 192.168.0.15

# dig -x 192.168.0.10 +noquestion @192.168.0.20

; <<>> DiG 9.9.5-9+deb8u15-Debian <<>> -x 192.168.0.10 +noquestion @192.168.0.20
;; global options: +cmd
;; Got answer:
;; ->>HEADER<<- opcode: QUERY, status: NOERROR, id: 30045
;; flags: qr aa rd ra; QUERY: 1, ANSWER: 1, AUTHORITY: 1, ADDITIONAL: 2

;; OPT PSEUDOSECTION:
; EDNS: version: 0, flags:; udp: 4096
;; ANSWER SECTION:
10.0.168.192.in-addr.arpa. 86400 IN      PTR      servidor.empresa.com.br.

;; AUTHORITY SECTION:
0.168.192.in-addr.arpa. 86400  IN      NS       servidor.empresa.com.br.

;; ADDITIONAL SECTION:
servidor.empresa.com.br. 86400  IN      A        192.168.0.10

;; Query time: 2 msec
;; SERVER: 192.168.0.20#53(192.168.0.20)
;; WHEN: Thu Aug 09 21:52:36 -03 2018
;; MSG SIZE  rcvd: 121
```

3) Configuração de servidor NFS



Esta configuração será realizada na máquina virtual *Server_Linux*.

Crie e exporte o diretório */dados* via NFS na máquina *Server_Linux* (192.168.0.10), para a máquina *Client_Linux* (192.168.0.20).

1. Instale os pacotes abaixo no servidor:

```
# apt-get nfs-kernel-server
```

2. Crie o diretório a ser exportado:

```
# mkdir /dados
```

3. Edite o arquivo */etc/exports* para configurar o compartilhamento da pasta:

```
/dados 192.168.0.20(rw,no_root_squash,async,no_subtree_check)
```

4. Finalmente, exporte o diretório e reinicie o serviço NFS. Teste se o *mapping* de pasta está correto.

```
# exportfs -a

# systemctl restart nfs-kernel-server.service
# systemctl restart nfs-common.service

# showmount -e
Export list for servidor:
/dados 192.168.0.20
```

4) Configuração de cliente NFS



Esta configuração será realizada na máquina virtual *Client_Linux*.

Instale e configure o cliente NFS na máquina *Client_Linux* (192.168.0.20), monte o diretório remoto */dados* do servidor no diretório */mnt/remoto*. Finalmente, realize as configurações necessárias para que sempre que a máquina for reiniciada o diretório */dados* seja montado automaticamente.

1. Crie o diretório de montagem:

```
# mkdir /mnt/remoto
```


2. Execute a montagem temporária do diretório NFS e verifique seu funcionamento:

```
# mount -t nfs 192.168.0.10:/dados /mnt/remoto/

# mount | grep '^192.168.0.10:/dados '
192.168.0.10:/dados on /mnt/remoto type nfs4
(rw,relatime,vers=4.0,rsize=65536,wsiz=65536,namlen=255,hard,proto=tcp,timeo=600,r
etrans=2,sec=sys,clientaddr=192.168.0.20,local_lock=none,addr=192.168.0.10)
```

3. Adicione a linha a seguir ao arquivo `/etc/fstab` para que a montagem se torne automática após o *boot*. Reinicie a máquina e verifique seu funcionamento.

```
# tail -n1 /etc/fstab
192.168.0.10:/dados /mnt/remoto nfs defaults 0 0
```

5) Testando o funcionamento do serviço NFS

Na máquina *Server_Linux*, crie um arquivo de nome `teste` no diretório `/dados` e verifique se este aparece no cliente. Depois, edite o arquivo `teste` a partir da máquina *Client_Linux* adicionando a data atual ao conteúdo do arquivo. Volte ao servidor e verifique se o arquivo foi alterado.

1. No servidor, execute:

```
# hostname
servidor

# touch /dados/teste
# ls /dados/
teste
```

2. No cliente, verifique e edite o arquivo:

```
# hostname
cliente

# ls /mnt/remoto/
teste
# echo "$( date )" >> /mnt/remoto/teste
```

3. De volta ao servidor, cheque se o arquivo foi editado com sucesso:

```
# hostname
```

```
servidor
```

```
# cat /dados/teste
```

```
Sex Ago 10 14:35:52 -03 2018
```